

e adoeceu, foi porque quiz? Ah! é atroz. Devemo-nos gloriar de termos ido na vanguarda das nações, abolindo a escravatura até nas nossas colonias. Foi uma nobre conquista! Mas não consintamos insensatamente e cruamente que a pague com a sua vida a classe trabalhadora.

Foi para acabar com esta cruel hypocrisia que alguns estadistas, entre os quaes devo lembrar dois já falecidos, Saraiva de Carvalho e Thomaz Ribeiro, promoveram a obra da regulamentação do trabalho dos menores e mulheres nas officinas, que pude completar em 1893, ao lado de Augusto Fuschini, que tanto contribuíra também para ella. Por essa legislação não só se preceitua o descanso diario, mas ainda um dia de descanso semanal para os menores.

E' indispensavel generalisá-lo aos adultos de ambos os sexos, bem como a todas as classes trabalhadoras, industriaes, agricolas e commerciaes.

E, como, apesar de todos os cuidados de providencia, sempre algum accidente póde advir, que tire a vida ao operario ou que o invalide ás vezes para todo o resto dos seus dias, reclamemos, como ha já hoje em quasi

toda a parte é como a França agora procura ampliar aos empregados do commercio, uma lei do risco profissional, que imponha aos patrões a obrigação de acudir ao operario durante a sua invalidez ou, por sua morte, á familia, orphã do seu amparo.

Lá fóra leva-se o zelo pela saude do trabalhador ao ponto dos legisladores mandarem que nos armazens servidos por mulheres os patrões lhes ponham cadeiras, para ellas poderem pelo dia adeante assentar-se e descansar.

Ha assim um direito novo das classes trabalhadoras, que é indispensavel que nós vamos tambem inserindo no nosso codigo civil.

O descanso semanal aproveita não só á saude do corpo, mas tambem á do espirito; queremos-lo no interesse do proprio trabalho, para se poder trabalhar mais e melhor.

Não ha profissão nenhuma que ponha em jogo, em perfeito equilibrio, desenvolvendo-as completamente, todas as nossas faculdades; todas as profissões mais ou menos as mutilam. E, se as faculdades feridas de abandono reagem quanto podem pela vida, sempre afinal acabam por se atrophiar.

Temos um exemplo flagrante nos nossos estudantes. Os rapazes, oprimidos dentro da escola primaria, fazem explosão á saída; ao depois, nos lyceus, vão-se tornando dormentes; e finalmente, mais tarde, quando frequentam as aulas superiores, tornam-se tão apathicos que não excursionam, não passeiam, e estagnam nas ferias grandes pelos casinos balneares. E, uma vez concluido o seu curso, formados, por que aspiram? Por um emprego burocratico, sedentario, quando não é logo por uma aposentação. E' que o nosso vicioso regimen claustral de ensino, prolongando-se annos e annos, acaba por lhes atrophiar e suprimir toda a faculdade de acção.

Até os profissionaes que mais fulgentemente parece pôrem em actividade nas suas obras todos os dons da alma humana, até esses necessitam de descançar, mudando de occupação, para refazerem as forças do seu espirito, já num trabalho de instrucção geral, que melhor os habilita a devotarem-se de novo á sua profissão, já mesmo num trabalho especial duma outra profissão, quasi sempre, pelo que ella tem effectiva-

mente de atrahente, a lavoira. Alexandre Herculano descansava dos seus immortaes trabalhos historicos, fabricando o seu azeite, que se tornou famoso, tanto que, conta-se, perguntando-lhe uma vez, ao despedir-se, alguém que com elle fizera uma viagem sem o reconhecer, a quem tinha tido a honra de estar falando, elle respondeu: Alexandre Herculano, azeiteiro em Valle de Lobos. Ahi tẽem Guerra Junqueiro, que descansa dos geniaes poemas, não só dissertando sobre a radiação universal, mas tambem tratando das suas vinhas na Barca d'Alva. Escuso de lhes dizer quanto valem as suas concepções philosophicas, depois da apreciação que ellas acabam de receber em Paris. E, se não sou entendido para os informar dos vinhos que elle prepara mas não bebe, posso assegurar-lhes que as uvas dos seus vinhedos são quasi tão doces como os seus deliciosos versos lyricos.

Que vida espiritual levam as nossas classes trabalhadoras? Hão de repetir incessantemente o mesmo trabalho, torturando, consumindo, mortificando não só o corpo, mas o espirito tambem.

E' indispensavel que o empregado do commercio, como todo operario, tenha horas e dias feriados, em que possa ir vêr o nosso mar, as nossas montanhas, os nossos campos e arvoredos, em que possa pegar num microscopio ou num telescopio para admirar as maravilhas do mundo dos infinitamente pequenos ou dos infinitamente grandes, e sobretudo em que possa comunicar com as outras almas, frequentando uma aula, assistindo a uma conferencia, lendo um livro, visitando os museus, indo a um teatro, a um concerto, etc.

São divertimentos? São exercicios espirituaes egualmente necessarios a todos.

Por isso, outro dia, uma das minhas filhas, ouvindo que uma menina das nossas relações tivera de assumir, apesar da sua tenra idade, os pesados encargos profissionaes, com razão a lamentou: Tão nova ainda! nem brincou!

Não é toleravel que a sociedade se divida em duas castas: uma de regalões, que só se divertem e nada produzem, outra de parias, que labutam constantemente no seu mister, sem nunca terem um momento unico de desenfado e distracção.

Nas nações mais adeantadas, em que o trabalhador já póde descansar das fadigas do seu trabalho, até as universidades lhes enviam professores que por meio de leituras e conferencias os põem em communhão com os mais elevados representantes da nossa especie, um Homero, por exemplo. Para que mesmo o tempo que o trabalhador passa em sua casa, lhe seja grato e educativo, delicadas associações de homens e, ainda mais, de senhoras fazem frequentemente distribuição de flores e estampas pelas habitações dos pobres operarios.

E, de todas as faculdades, a que sobretudo é necessario não deixar nunca atrophiar, é a liberdade, esta faculdade soberana que cria as artes, as industrias e as sciencias, isto é, toda a civilização.

O trabalho regulamentado, arregimentado, forçado, servil é sempre afinal penoso. Por isso, até aos condemnados nas modernas casas de regeneração se vai pouco a pouco permitindo o trabalho livre.

Não ha faculdade que não resista e que não repugne ás imposições estranhas.

Quantas vezes os paes estão acariciando o sonho do casamento duma filha com

um noivo exemplar, e indiscretamente pela sua demasiada intervenção compromettem a realização desse seu doirado sonho! Como o sentimento, revolta-se tambem contra imposições, a intelligencia. Todos os que somos professores, sabemos quantos rapazes são capazes de estudar tudo, menos as lições para as suas aulas. E o que custa igualmente fazer qualquer serviço forçado! Nem o auxilio d'outrem queremos para aquillo que podemos fazer por nós mesmos. Toda creança nos vem contar jubilosa: Fiz isto só! E lembra-me que uma vez, que a minha filha Gigi, muito pequena ainda, a custo trepava para a sua cadeira, e eu fui sentá-la, ella logo de golpe se atirou abaixo para poder subir á cadeira por si só.

E' necessario a todo o homem descançar do trabalho forçado no trabalho livre.

Se nos dissessem que não poderiamos por muitas horas sair desta sala, que afficção nos não acometeria a todos! Imaginem pois o sofrimento das classes proletarias, oprimidas não só na sua faculdade de movimento, mas em todas as faculdades da sua alma, durante toda a vida, pelas regras da sua profissão, que as encerram dentro

della, como se fôsse dentro duma prisão, dum ergastulo.

O christianismo, para redimir o trabalhador, ao menos um dia por semana, das mãos dos seus senhores deste mundo, chamou a esse dia de descanso — domingo —, o dia do Senhor. Nós, para o redirmos de toda a tyrania, ainda daquella que invoca para se autorizar o nome de Deus, chamaremos ao dia de descanso semanal — o dia da liberdade —.

Para que queremos, portanto, o descanso semanal?

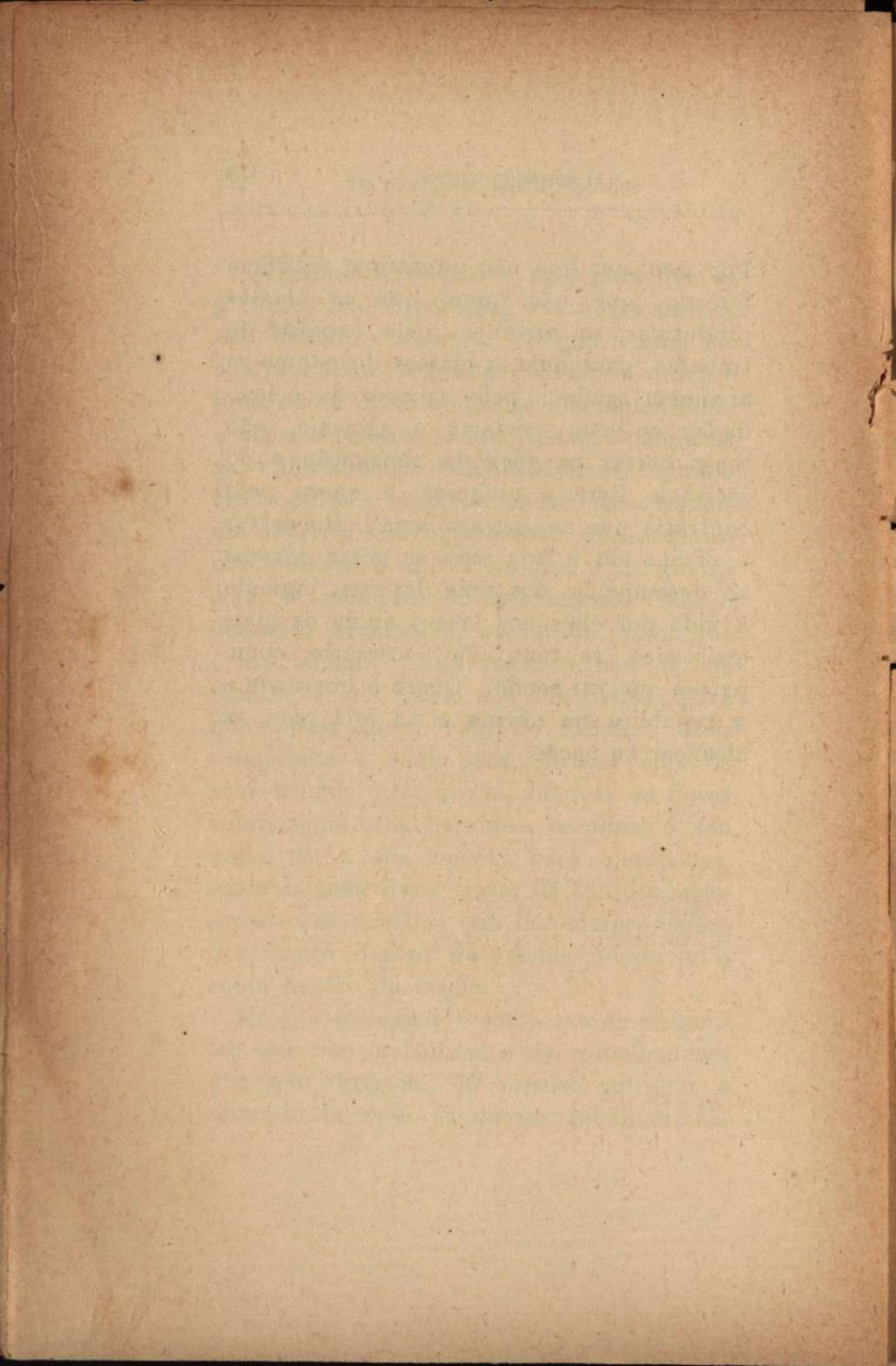
Para que o trabalhador possa robustecer-se, instruir-se, elevar-se, ser alguém, alcançar a plenitude da sua personalidade, para que deixe de padecer este martyrio de conhecer que tem dentro de si a semente da verdade, do bello e do util, e não poder vingá-la e não poder convertê-la em frutos que lhe deixem prelibar ao menos os prazeres da sciencia, da arte e da industria, que são os maiores que podemos sentir, depois do prazer supremo de fazer o bem.

Porque é, sobretudo, para que o homem possa fazer o bem, que reclamamos o descanso do trabalho.

Queremo-lo robusto e rijo, para que as gerações não depereçam e a nossa raça se não definhe e extinga. O que a mim me confrange na desgraça dos filhos dos pobres, não é tanto a miseria economica como a miseria physica, o rachitismo, os aleijões, as enfermidades constitucionaes. Queremo-lo culto e emprehendedor, para termos um exercito activo, poderoso, de lidadores, que possam medir-se na paz e na guerra com os melhores do estrangeiro. Mas o descanso semanal é, sobretudo, para que o trabalhador possa fazer o bem á sua familia, á sua classe e á sua patria; para que possa fazer vida de familia, fazer companhia a seus paes, brincar com os seus irmãos mais novos, renovar as flores sobre sepulturas queridas, escolher o seu noivo ou a sua noiva; para que possa, como homem livre, tratar da sua occupação e dos seus direitos, que lhe cumpre defender, tanto dentro da officina ou da loja, como dentro da nação.

Hoje, a sociedade é composta de dirigentes que não trabalham e de trabalhadores que não dirigem. E' preciso entregar a direcção da nação ás classes trabalhadoras.

Por isso, eu, que não admitto o sacrificio forçado, que não quero que as classes produtivas se arruinem pelo excesso do trabalho, para que as classes dirigentes se arruinem tambem pelo excesso da ociosidade; eu não proclamo o egoismo, não tento cortar os vôos da abnegação e do sacrificio livre a ninguem, e quero pelo contrario que ao operario seja licito deixar a officina ou a loja para se votar devéras ao desempenho dos seus deveres, jogando a vida por elles nos lances ainda os mais arriscados, se tanto fôr necessario, como parece que vai sendo. Quero a liberdade e a republica na officina e na loja para as alcançar na nação.



O anarchismo *

EX.^{mo} SR.!

Acompanho-os cordialmente na sua benemerita campanha pela revogação da lei de 13 de fevereiro de 1896. Não ha delitos de opinião. E o anarchismo, em toda a sua pureza, é um sublime ideal que as sociedades vão cada dia mais realizando. Já hoje não queremos profissões religiosas, já vamos suprimindo os intermediarios economicos, o direito de iniciativa e o *referendum* já esboçam na Suissa o anarchismo politico. Incriminá-lo é sobretudo prova de ignorancia. Está sucedendo com elle o mesmo que succedeu com a republica: as violencias cometidas em

* Carta ao presidente da Liga contra a lei de 13 de fevereiro de 1896.

seu nome deturpam-lhe o seu verdadeiro sentido. Mas não tardará tambem que se lhe faça justiça. E' questão de propaganda, de instrucção. Para ella contem sempre com o

Todo seu,

Bernardino Machado.

Coimbra, 31-12-1904.

A aliança inglêsa *

MINHAS SENHORAS E MEUS SENHORES !

As minhas primeiras palavras serão de publicas congratulações pela sessão solemne com que esta tarde se inaugurou o Centro republicano de Vizeu, que eu espero que seja, no coração desta heroica e lendaria Beira, mais do que um poderoso nucleo de organização e força partidaria, um verdadeiro centro de reconstituição nacional.

Estamos hoje como no principio do século XIX, dividida a nação em dois campos opostos, o reaccionario e o liberal, com a diferença, que então reaccionarios e liberaes eram todos monarchicos, e hoje ha de certo ainda muitos monarchicos libe-

* Conferencia no Teatro Viriato, de Vizeu, na noite de 29 de janeiro de 1905, segundo a *Resistencia*.

raes, mas os partidos monarchicos é que são todos reaccionarios e o unico partido sinceramente liberal é o republicano. Ora a reacção nas instituições politicas produz fatalmente o retrocesso e a decadencia da nação. Por isso, hoje só ha um partido que nos póde salvar, que é o partido republicano. E dahi os nossos pergaminhos nobiliarchicos, o nosso titulo sagrado de existencia legal, mas dahi tambem as nossas tremendas obrigações e responsabilidades.

Preciso demonstrar-lhes que todos os actuaes partidos monarchicos são reaccionarios? Todos são reus ou cumplices dum regimen que suprime todas as liberdades, desde as constitucionaes até ás individuaes. Pela constituição vigente, completada pela lei eleitoral subsidiaria, a nação não póde intervir livremente na gerencia dos negocios geraes do estado. Pelo codigo administrativo tão pouco póde intervir livremente na gerencia dos negocios locaes. Carecemos ainda da liberdade d'associação: os cultos diversos do catholico são aviltantemente tolerados como o jogo e a prostituição; á liberdade d'associação de classe, sujeita

ainda á autorização prévia, falta o instrumento imprescindível do direito de greve; e a associação politica de mais de vinte pessoas é punida como um delito pelo código penal. Finalmente, as liberdades individuaes acham-se totalmente á mercê do arbitrio governativo: a lei é ainda inquisitorial, e persegue por motivos religiosos, como, outro dia, a Alexandre Braga; não ha leis, ou não se cumprem, de garantia e protecção para o trabalho; e a liberdade de pensamento não é só coarctada na tribuna e na imprensa, mas está ahi hoje sob a alçada permanente da lei scelerada de 13 de fevereiro de 1896.

E' um systema completo do absolutismo. E são tantas as leis despoticas entre nós, que dir-se-iam obra de monomaniacos, atacados da paixão vesanica de colleccionadores.

Quem é que em Portugal defende hoje a liberdade de crenças? O partido republicano; e defendi-a eu na propria Braga, logo depois de acêsa a questão Calmon. Quem é que defende os direitos do operariado? O partido republicano; e tenho-os defendido eu sempre, e ainda ultimamente

na Figueira da Foz e depois na Povia de Varzim e Santarem, fazendo a justa campanha do descanso semanal, que póde e deve ser em grande parte dominical, mas não é o descanso dominical que os reaccionarios advogam, porque elles só querem a emancipação economica do trabalhador para o reduzirem nesse dia á escravização clerical, e nós queremos que o dia de descanso seja um dia de plena libertação. Quem é que defende a liberdade de opinião? O partido republicano, que agora mesmo por todo o país formúla o libello contra a lei de 13 de fevereiro; defendi-a eu ainda outro dia na historica sala dos capellos da nossa Universidadé, reclamando-a não só para os individuos de maior idade, mas ainda para todos os educandos das nossas escolas, que só pela disciplina dum ensino liberal se irão formando para o desempenho cabal dos deveres de cidadãos livres na sociedade.

Só nós, republicanos, somos os continuadores da politica liberal de Mousinho, de Passos, de José Estevam e Sampaio, e, para lembrar nomes sempre queridos nesta terra, da politica liberal do bispo de Vizeu, dos Mendes e dos Campos, venerando chefe

e distintos membros do valoroso partido reformista, partido profundamente popular, donde saíram para a republica, já então desenganados, alguns dos seus eminentes fundadores, Latino Coelho, José Elias Garcia, Rodrigues de Freitas, Bernardino Pinheiro, cujo exemplo parece estar indicando aos habitantes de Vizeu o caminho que tẽem de seguir para honrarem as suas tradições liberaes.

A concentração dos poderes operada pelos partidos monarchicos foi, como alguns dos seus promotores apregoaram, para engrandecimento do poder real e elevação do prestigio do principio da autoridade? A grandeza da autoridade mede-se unicamente pela grandeza dos seus serviços á liberdade.

Mas havia sem duvida na nossa vida publica muitos abusos a corrigir, muitos vicios a extirpar. Foi a essa missão que os nossos governantes se dedicaram? Deram ao menos essa compensação dos seus damnos á liberdade, servindo-a assim, ainda que indirectamente, á pombalina? Não! O regimen é um regimen de fraquezas, de abatimento e de desprestigio do poder e da autoridade. Não somos nós

sós que o dizemos. Dizem-no tambem, e bem alto, os proprios monarchicos: os progressistas, que accusam os regeneradores de haverem passado ultimamente pelas secretarias como uma epidemia moral; os regeneradores, respondendo-lhes que tẽem na sua mão a documentação photographica das malversações progressistas; e os franquistas, que, visando a progressistas e regeneradores, senão mesmo mais alto, lançam sobre a dissolução geral, para que tanto contribuiram, a interrogação, se haverá logar dentro da monarchia para uma administração honesta, isto é, o partido que tem por chefe um dos principaes fautores da politica do engrandecimento real, reconhece, embora attribuindo-o aos seus adversarios, o desastre dessa politica.

E não é só no ardor da refrega, em luta uns contra os outros, que os partidos monarchicos accusam a queda moral do regimen; dentro dos proprios partidos essas acusações se erguem, determinando o movimento de desagregação dos seus homens de maior valor. Ha poucos dias ainda, que todos vimos um dos illustres

caudilhos do partido governamental, apesar de toda a sua estima e consideração pessoal pelo seu chefe, rejeitar com um gesto de escrupuloso desdem a gran-cruz de S. Thiago com que elle desejava galardoá-lo.

A fraqueza do poder civil denuncia-se, como sempre tem sucedido historicamente, pelos atrevimentos da reacção feudal, que é hoje a plutocrata, e da reacção clerical, que estão sempre espreitando o ensejo de o assaltar. Como ambas têm recobrado alento e vão empolgando o governo da sociedade!

Já a reacção plutocrata, pelos seus syndicatos, decide da sorte dos ministerios: foi assim que caíu, envolvido nas suas lutas de rivalidade, o ultimo ministerio regenerador. Já a reacção theocrata infringe abertamente as leis da nação, já tem autoridades civis suas e vai ter deputados seus egualmente nomeados pelo governo; e amanhã fará e desfará tambem ministerios, se não chegar mesmo, como nos seus bons tempos, a sagrar e a desthronar o proprio chefe do estado, em previsão do que, será de bom aviso lembrar aos nossos governantes que para a theocracia o genuino

chefe do estado não é o descendente do pedreiro livre D. Pedro IV, mas sim o do apostolico D. Miguel I.

Que sustenta pois hoje o regimen? Desautorizado, sem força moral, intenta apoiar-se na força physica. Esse é hoje o seu unico meio de governo. Um dia assalta as redacções dos jornaes, outro dia fere ás pranchadas nas ruas os manifestantes pacificos, encarniçando-se principalmente contra aquelles que victoriam as grandes personalidades que, como Guerra Junqueiro, são honra e gloria da patria portugûesa. E, para cometer impunemente todas as violencias, não duvidou cobrir-se com a irresponsabilidade, estendendo-a desde o rei até ao simples policia civil. De tal modo, que eu, que sou um homem d'ordem, um homem de paz, que entendo que as almas se conquistam sobretudo pela sympathia e pelo amor, eu devo dizer que hoje os liberaes não têm de lutar contra a tyrania e corrupção só pela palavra, na tribuna e na imprensa, mas tambem defendendo-se, braço a braço, na praça publica, como nos tempos mais agitados da iniciação do nosso constitucionalismo.

E só nós, partido republicano, podemos lutar contra os desmandos do regimen. Reconhecem-no os proprios monarchicos, que, presos dentro delle pelas suas convicções, se julgam impotentes para defender, de per si sós, os seus direitos ultrajados, e, em nome desses direitos, apellam para a intervenção e fiscalização republicana. Tanto nós somos hoje a unica esperança de justiça até para os nossos mais intransigentes adversarios!

E este regimen, sem força moral, sem autoridade, que tem atentado contra todas as nossas liberdades internas e que ninguem respeita dentro do país, tem a audacia de querer fazer acreditar que inspira todas as sympathias e respeitos lá fóra, e é o sustentaculo e o unico amparo das nossas liberdades externas, da integridade nacional, pela sua estreita aliança com uma grande potencia! Como se a politica externa não fôsse uma consequencia directa da politica interna! E isto, quando temos perdido a nossa influencia internacional até na nossa segunda patria — o Brazil, donde ainda no dia 22, em meio das aclamações festivas

dos aulicos pelo regresso dos reis, nos chegava a noticia de haverem sido acintosamente confundidos com os desordeiros e maltratados pelas tropas muitos compatriotas nossos na ultima revolta militar.

Quem é que nos respeita desde o ultimatum inglês? A Allemanha, arreando a nossa bandeira em Kionga? A França, disparando aos nossos governos as insolencias com que oficialmente deu força ás reclamações injuriosas dos nossos credores? Respeita-nos a propria Inglaterra, que, ainda ha pouco, na guerra com o Transwaal, nos forçou a violar a nossa neutralidade, atravessando-nos o territorio com os seus soldados? Como foi que tudo isto mudou? Que grande mystificação!

O charlatanismo dos nossos governantes resalta manifestamente dos alardes que fazem do elixir da aliança inglesa. Por virtude della, milagrosamente, Portugal não só restaurou já todas as suas forças, mas recuperou, afirmam mesmo, no concerto das nações, o logar que occupava na epoca gloriosa em que os nossos arrojados navegadores abriram á civilização o caminho da India!! Dir-se-ia até, ouvindo-os,

que não somos simplesmente os aliados da Inglaterra, mas sim os seus conquistadores. A' viagem dos reis a Londres chama-lhe a camara de Lisboa triumphal, e a folha officiosa do governo, entoando-lhe o seu hymno, declara-a mais gloriosa do que a missão dos nossos antigos guerreiros...

Para prova de que a aliança inglêsa não passã dum engôdo, para prova de que não ha de facto tal aliança, basta observar a insistencia com que os seus pretendidos autores procuram confirmá-la com actos que, aliás, são a sua propria negação, como ultimamente o tratado de arbitragem celebrado entre Inglaterra e Portugal para todas as divergencias que não envolvam interesses vitaes ou não sejam casos de honra ou de independencia das duas nações. Nem que fôsse preciso, havendo entre ellas uma aliança! Porque é claro que então essas divergencias se derimiriam amigavelmente. Celebram tratados d'arbitragem, como esse, a Inglaterra com a França, a França com a Italia, a Suissa e os Estados Unidos com varias nações, mas, que conste, não os celebraram até agora, porque seria redundante, a França com a Russia,

a Italia com a Allemanha, nações aliadas entre si.

Aliança entre o governo inglês e o governo portuguez? Que póde haver de commum entre elles? E' uma aliança religiosa? Mas como ha de aliar-se a um governo que tem sobretudo por dogma o respeito de todas as crenças, um governo que acata e festeja servilmente todos os dogmas, ainda os mais revoltantes para a razão e para o sentimento humano? E' uma aliança economica? Mas como ha de aliar-se a um governo que cimenta fortemente a independencia da nação na sua liberdade financeira, um governo arruinado, falido, na dependencia de todos os autocratas da finança mundial? E' uma aliança politica? Mas como ha de aliar-se a um governo exemplarmente liberal, que sustenta, sem a minima quebra, o direito do *habeas corpus*, um governo despotico, arbitrario, o governo da lei de 13 de fevereiro? Póde haver uma aproximação politica entre a Inglaterra, a França e a Italia, todas liberaes, podem até mutuar visitas os seus parlamentos. Mas quem se não riria até ás gargalhadas, se os nossos deputados

tivessem a pretensão de visitar os deputados inglêses? Eu bem sei que os nossos governantes, pela voz do chefe do estado, renderam homenagem á liberdade na Inglaterra e até em França se curvaram devotamente perante a republica. Mas succede-lhes como aos selvagens, que, nos centros da civilização, trajam á ultima moda, e, que, em chegando á terra natal, voltam á tanga: assim que chegaram cá, voltaram ao regimen do poder pessoal. O seu primeiro acto de expiação devia ser a amnistia de Bartholomeu Constantino. Pois não só o não praticaram, mas até pleiteiam entre si a paternidade da lei scelerada que o condemnou. Aliança militar? Como, sem exercito e marinha? Não basta o valor e o arrojo dos nossos militares, quando a dissipação e a incuria dos governantes os deixa sem recursos, ao abandono, condemnados a pérecer fatalmente, como outro dia, nesse horrendo desastre de Cunene.

Aliança, não a pode haver hoje entre o nosso governo e o governo inglêz, nem infelizmente, sob o actual regimen, o nosso povo trabalhador, esmagado na sua industria sob o peso dos impostos, póde esperar

realizá-la com o povo inglês sequer ao menos por um tratado de commercio. Para alcançarmos uma aliança que nos honre e nos preste, havemos de mudar primeiro de instituições.

Protectorado inglês, isso é o que ha, diz-se lá fóra em todas as chancelarias, sentimo-lo dolorosamente cá dentro todos que temos consciencia e coração. E este protectorado, pelas suas condições irregulares, instaveis, — porque, no dia em que elle se declarasse formalmente, ruiria a monarchia, — este protectorado, deprimente para a nossa dignidade nacional, nem sequer assegura aos espiritos pusilanimos a propriedade e a vida dos portuguezes. Já o marquês de Soveral, que o deve conhecer bem, na camara dos pares aconselhou o governo a não contar demais com elle. E com razão. Tambem, depois da viagem de el-rei D. Luiz a Berlim em 1885, tivemos o protectorado allemão, e seguiu-se-lhe o ultimatum de 1890 e a perda do nosso *hinterland* africano. Agora, depois das viagens sucessivas d'el-rei D. Carlos a Londres, que futuro nos estará reservado? Então o perigo era o perigo inglês na costa oriental

da Africa. Agora não é menor o perigo alemão na costa occidental. E não é com cartas de conselho aos representantes da Allemanha entre nós que elle se debella.

Façamos a aliança interna, a aliança das nossas crenças, a aliança dos nossos misteres, a aliança das nossas opiniões; façamo-la pela liberdade, como a quer o partido republicano, como só elle a pôde fazer, e a aliança externa virá. E então as palavras justas que el-rei D. Carlos, em resposta ao lord maior de Londres, dirigiu á Inglaterra, ouvi-las-emos, nós, em nossa honra, da bôca dos nossos aliados, saudando em nós a livre, forte e progressiva nação portugûesa.

Serão excessivas as nossas aspirações, temerarias as nossas reivindicações? Certamente que não. Fizemos com todos os crentes liberaes a campanha anti-clerical e obrigámos o governo a revalidar os decretos de Pombal e Joaquim Antonio d'Aguiar contra as congregações religiosas; e, se não vencemos, foi porque parámos. Fizemos com as classes produtoras a campanha contra o augmento dos impostos e o ministro que o propunha, caíu; e só não

venceremos, se pararmos. Façamos egualmente a campanha pela implantação de todas as liberdades politicas em Portugal, desde as individuaes até ás constitucionaes, façamo-la com coragem e perseverança, e triumpharemos.

Perante o tribunal de verificação de poderes *

SENHORES JUIZES !

Não venho aqui para defender só os direitos eleitoraes dos meus correligionarios, mas os de todos os eleitores do circulo oriental de Lisboa, que foram politicamente espoliados pelas oligarchias dominantes no ultimo acto eleitoral. O partido republicano é um partido de principios, que tanto os acata nos seus correligionarios como nos seus adversarios. Nós desejamos mesmo que os nossos adversarios exerçam os seus direitos eleitoraes, porque, habituando-se a elles, em breve acabarão por querer exercer todos os seus direitos politicos, e, nesse dia, a linha divisoria que nos

* Discurso em 24 de março de 1905, segundo o extracto de *O Mundo*.

separa, se apagará, e constituiremos juntos uma só grande familia, a livre e altiva nação portugêsa.

Deante de magistrados encanecidos no estudo, ocioso será demonstrar que o principio eleitoral, é na altura em que hoje se acham as sociedades, uma condição imprescindivel de vida para as nações. Onde esse principio falta, as nações convulsionam-se e esfacelam-se como neste momento e tão tragicamente o colossal imperio russo. Onde elle vigora e se radica, as nações florescem e prosperam, como, entre as primeiras, a grande e nobre nação inglêsa.

Porque é que, agora mesmo, o povo portugêso acolhe tão festivamente a esposa e as filhas do chefe de estado da Inglaterra? Não é só porque elle sabe corresponder gentilmente á delicada visita de tão sympathicas senhoras, mas sobretudo porque essas senhoras são a esposa e as filhas dum chefe de estado que timbra em cumprir escrupulosamente as suas obrigações constitucionaes, e porque esse chefe de estado é o chefe dum governo que, embora monarchico, é, a muitos respeitos, modelo de liberalismo, que atesta logo

fundamentalmente na sua legislação eleitoral. Estes festejos que o povo português celebra em honra da briosa nação inglesa, são ao mesmo tempo a condemnação e o protesto que elle lavra contra o regimen pessoal que nos oprime todas as franquias, desde as franquias eleitoraes, como acaba de succeder mais uma vez na ultima eleição para deputados.

E' contra semelhante agravo que venho pedir reparação ao tribunal.

Em todos os concelhos ruraes do circulo oriental de Lisboa, pode afirmar-se, duma maneira geral, que a eleição se não realizou. O direito eleitoral foi arrancado, em massa, a assembléas inteiras.

Não me demorarei a examinar minuciosamente o processo eleitoral. Não é preciso. Ha nelle dois elementos que são capitaes para denunciar a falsificação eleitoral. Um é o numero dos eleitores inscriptos nas actas das assembléas ruraes. Quasi que não faltou nenhum. Ha freguezia mesmo em que votaram todos os recensados. Compare-se essa votação compacta das aldeias com a da cidade, onde, travando-se tão intensamente a luta, foram

comtudo ainda muito numerosas as abstenções, e tanto bastará para tornar muito suspeita, inverosimil mesmo, a votação descarregada nas actas das assembléas ruraes. O outro elemento, tambem capital, é a duração do acto eleitoral. Nessas assembléas ruraes estão tão pouco praticos em fazer verdadeiras eleições, que nem sabem o tempo que ellas levam, e por isso não falsificaram habilmente as actas eleitoraes. Assim como dispozeram dos eleitores, calcularam caprichosamente a duração do acto eleitoral. Imaginem que ha assembléa de mais de seiscentos eleitores em que, principiando o acto eleitoral ás nove horas, logo ás onze horas começaram as duas horas d'espera. Ora vejam. Constituiu-se a mesa, lavrou-se a acta da sua constituição em tres exemplares, afixou-se o edital respectivo, e fizeram-se as duas chamadas, tudo em duas horas. Meio minuto que levem as duas chamadas de cada eleitor, cada uma das quaes ainda a miude se repete, seriam para seiscentos eleitores precisas cinco horas. Pois em duas horas estava tudo feito!

Mas, dir-se-á, bem sei: o tribunal ordenou um inquerito ás assembléas ruraes do

circulo, e os juizes encarregados dessa missão concluem nos seus relatorios pela validade da eleição nas mesmas assembléas. E' certo. Infelizmente não foram só ludibriados os eleitores pelos nossos dirigentes, foi-o tambem este tribunal. O relatorio dum dos juizes, o de Villa Franca, não procede, porque elle não pôde considerar o documento essencial, que era o depoimento dos delegados opositoristas que protestaram contra a eleição nos concelhos sujeitos ao seu inquerito. Esse depoimento, tarde pedido por deprecada para Lisboa, não foi de Lisboa remetido a tempo de o ponderar o juiz syndicante. E por isso o seu relatorio não tem valor algum. O outro inquerito, que devia ser feito pelo juiz de direito do Cartaxo, não o foi por elle, mas sim por um juiz substituto, que se identificou inteiramente com os mandões locaes. O seu relatorio é a consagração da falsificação eleitoral. E nem ha meio de a encobrir, desde que o chefe principal das facções locaes a confessou, pretendendo até obter de dois meus correligionarios a declaração formal de que o sr. dr. Affonso Costa e eu concordamos nessa falsificação, quando,

pelo contrario, a verdade é, como se tornou publico, que nós envidámos todos os nossos esforços para a evitar.

Tudo nos leva, portanto, a presumir que a eleição não se realizou nas assembléas ruraes do circulo oriental de Lisboa. E aqui têm v. ex.^{as} como ás portas da capital se faz escravatura politica. É, pois, indispensavel que a eleição se realize, que a lei eleitoral se cumpra. E digo-o com todo o desassombro de imparcialidade, porque é claro que, por maior que seja a minha confiança no prestigio do ideal politico que professo, eu não posso imaginar que de repente, sem uma radical transformação politica da nação, dum momento para outro, como por milagre, se vá operar a republicanização das populações campestinas deste circulo, ainda, pelas pressões monarchicas que sobre ellas pesam, tão atrasadas civicamente. Isso ha de vir, e muito breve, espero-o, da educação e da assistencia republicana, mas, em todo o caso, não já d'aqui a alguns dias apenas.

E eu peço o cumprimento da lei eleitoral vigente, sem que por isso a adopte e abrace. Não! Esta lei foi forjada pela

ditadura de proposito para ferir as liberdades publicas. Mas nem as suas proprias leis ella cumpre! Os republicanos são hoje o unico partido que em Portugal sustenta e revindica a legalidade. E para prova ahi está a ultima eleição. Onde foi que se procedeu legalmente? Na cidade de Lisboa, onde as forças republicanas predominam. E onde é que a legalidade foi desprezada e calcada? Nas assembléas ruraes, onde predominaram as influencias monarchicas. Eu peço o cumprimento da lei, porque peor do que uma lei má é o arbitrio absolutista das facções.

Espero que este tribunal não quererá submeter-se ao regimen pessoal que tudo e todos tem intentado avassalar no nosso paiz. Não sancionará por certo como suprema lei o arbitrio governativo. Seria converter a sua magistratura num instrumento liberticida de que os nossos governantes, sem se atreverem a abolir declaradamente todas as liberdades, se serviriam para, simulando consigná-las até certo ponto na lei, impunemente as violarem de facto, na sua execução. A irresponsabilidade do poder executivo, que já

hoje é completa para todos os seus representantes legaes, estender-se-ia desse modo até mesmo áquelles que o governo não póde sem crime reconhecer como taes.

Não! não ha de succeder assim. Este tribunal ha de, pelo contrario, espero-o, sancionar hoje aqui solemnemente que a politica é e deve ser para todos, desde o chefe do estado até o simples cidadão, uma coisa séria, aquillo mesmo que numa nação ha de mais sério, de mais grave e de mais sagrado, que a ninguem é licito prostituir. E não precisarei certamente para isso de invocar as suas tradições liberaes, nesta mesma sala personificadas nas figuras venerandas de Paschoal José de Mello, o mestre da escola juridica donde saíram os nossos illustres constituintes dessa gloriosa revolução de 20 que conferiu a autonomia á magistratura judicial, e de Mousinho da Silveira, o formidavel fundador do nosso constitucionalismo, em cujo codigo se formulou como primeiro principio da organização politica da nação a divisão e independencia dos poderes. E menos ainda precisarei de invocar a vv. ex.^{as} a sua dignidade de homens e de magistrados,

para que vv. ex.^{as} zelem acima de tudo, custe a quem custar, como a sua mais imperativa lei, a autonomia e a independência do poder que lhes foi confiado pela nação. Os juizes, em Portugal, já hoje não são juizes senhoriaes, dos potentados locais, nem tão pouco juizes do rei, da monarchia, como nos velhos tempos do feudalismo e da monarchia absoluta. São juizes de direito, que a todos, sem distinção de classes nem categorias, devem igualmente justiça.

Reparem vv. ex.^{as}, com todo o seu patriotismo, na responsabilidade que, no actual momento critico que o país atravessa, impende sobre este tribunal. Todos sabem a violencia de paixão com que, em volta duma grande questão economica que está na ordem do dia, se discute na imprensa, chegando-se ao ataque e á suspeita mais dilacerante e cruel. Pois eu digo-o, com a mais profunda comoção da minha alma: somem-se todos os gritos de dôr e de raiva que por esse país fóra soltam incessantemente, nos milhares de questões que nelle dia a dia se debatem, todos os interesses que se julgam ameaçados ou se

sentem feridos, e o seu enorme clamor abafará por completo a vociferação jornalística que ahi agora estruge tão atroadamente. E porque é toda essa irritação, porque toda essa tempestade, que por vezes parece anunciar-nos a calamidade duma proxima guerra civil? E' porque hoje infelizmente, entre nós, domina absolutamente a autocracia dos chefes das facções que se alternam no poder. E' porque os interesses e os direitos não se acham representados e defendidos nas instituições pelos nossos governantes. E' porque o parlamentarismo desapareceu entre nós.

Urge que este tribunal o restabeleça.

E, de duas, uma. Ou a nação vê que póde contar com a justiça para progredir pacificamente nas reivindicações das suas reformas liberaes, ou, faltando-lhe esse ultimo recurso legal, é de recear que, para viver livre e honrada, ella se lance na revolução. Tal é o tremendo dilema que está suspenso do veredictum deste tribunal. Escuso de dizer eu, homem de ordem e de paz, quaes os votos que cordialmente formulo perante vv. ex.^{as}.

A psychologia da reacção *

MINHAS SENHORAS E MEUS SENHORES !

O titulo desta associação — Centro democratico d'instrução — sôa como o toque dum clarim. Ha efectivamente dois ensinos, o ensino liberal e o ensino reaccionario, e a nós liberaes cumpre-nos travar a luta contra a reacção, não só na praça publica, nos nossos comicios e na nossa imprensa, mas tambem na escola, nos nossos salões de conferencia, como este.

Os principios que proclamamos para o governo da nação, temos de proclamar tambem para o seu ensino. As nossas revindicações mesmo da liberdade d'amar, de trabalhar e de pensar não são senão as

* Conferencia no Centro democratico d'instrução do Porto, em 6 de maio de 1905, segundo o extracto de *O Norte e Vox Publica*.

revindicações do direito de exercitarmos as nossas faculdades, do direito de nos educarmos.

E tão sagrada é para nós a vida duma das nossas faculdades como a de qualquer das outras. Todas tres são indispensaveis á afirmação da nossa personalidade, da nossa dignidade moral.

Cada uma dellas, é certo, tem o seu periodo de maior desinvolvimento. Nós somos primeiró sobretudo coração. A creança é toda risos e lagrimas. Depois somos sobretudo acção. A mocidade é toda força, emprehendimento, aventuras. E mais tarde somos sobretudo reflexão. A idade adulta é a da madureza da intelligencia. Por isso até não ha maior tortura para a infancia do que conter-lhe os risos e os choros, para a mocidade do que forçá-la á immobilidade e ao silencio horas seguidas, e para os adultos do que reprimir-lhes a razão, a liberdade d'opinião. E, se as creanças ainda só se desesperam, coitaditas! os rapazes já vão reagindo em arruaças e tumultos á saída das aulas, e a consequencia inevitavel da opressão da opinião publica é sempre a revolução.

Mas, se cada faculdade tem a sua idade propria em que mais se desenvolve, e se a idade não é só a physiologica e ha pessoas sempre um tanto infantis ou que, pelo contrario, logo desde a adolescencia parecem maduras e até velhas, nenhuma faculdade falta ou cessa em qualquer das epochas da vida. A creança, que é tão emocionavel, é tambem logo movimento e curiosidade. Todos sabem como para a entreter, para lhe dissipar o mais forte amuo, basta dar-lhe alguma coisa que fazer, basta contar-lhe uma historia. A juventude, que é a idade da acção, é ao mesmo tempo a do amor, e as mais fecundas e originaes idéas da nossa idade madura tiveram quasi sempre o seu germen nos annos juvenis. O adulto é reflexão, mas o adulto é tambem o pae, e só na idade madura é que o homem atinge a perseverança da acção e todo o apuro e perfeição technica na execução da sua obra.

O beato, que só ama, o agiota, que só agencia, e o figurão que passa por deante de nós na rua, a dar-se ares de sabio sem nunca se rir, solemne e hirto, como se fôsse levado num andor pela propria admiração dos transeuntes, são monstruosidades espi-

rituaes ; e nem o beato ama, nem o agiota agência, nem o sabichão sabe nada.

O homem normal, o homem perfeito, integro, não pode passar sem exercitar por completo todas as suas faculdades.

De que é feita esta coisa dulcissima que parece ser o melhor de nós mesmos, a que nós chamamos amor de familia e amor de patria, e que não é só amor, porque nós pertencemos á familia e á patria conjuntamente pelo coração, pelo braço e pelo cerebro ?

E' que, em parte alguma como no seio da familia, nós damos tão plena efusão aos nossos sentimentos, nós fazemos tanto o que queremos e comunicamos tanto os nossos pensamentos até á confidencia. Se em familia a gente se ama ! é escusado dizê-lo, é claro. Que todos estão sempre dentro della pelo que intentamos fazer, não é menos certo. A dificuldade para a nossa acção provém ás vezes até de todos nos quererem ajudar. E' o que succede aos nossos filhos, a quem tanto queremos ajudar, que os não deixamos fazer nada. E aos paes tambem isso succede, não com os filhos, mas com as boas das nossas filhas, que correm sempre pressurosas, tão

dedicadas como tyranicas, a tirarem-nos o serviço das mãos para o tomarem ellas a seu cargo. E na familia não ha idéa, não ha dito dos nossos filhos que nos não pareça genial e que nós não repitamos logo e não quizessemos ver impresso e publicado por toda a parte. E, se um delles faz o seu verso? as irmãs cantam-no, e o pae e a mãe recitam-no de cór um ao outro em comum, e, se o não cantam tambem, é simplesmente porque não podem: chorariam de ternura. E elles, os filhos, pagam-no-lo na melhor moeda. As nossas idéas são sempre para elles sublimes, para elles ninguem sabe tanto nunca como seus paes. Os meus já me prometeram que eu hei de figurar no pantheão da historia entre os homens notaveis do periodo contemporaneo em Portugal. Se elles forem os chronistas... E o meu Domingos, ainda muito pequeno, ainda sem saber ler, já andava pelos corredores da casa, com um masso de provas typographicas debaixo do braço, apregoando: Notas dum pae! Notas dum pae!

O amor da patria é tambem assim feito como o da familia. O que logo nos custa,

longe della, não podermos desafogar o nosso coração! Falamos dos nossos amigos, de tudo que nos é mais caro da nossa terra, mas ninguém comunga comnosco nos mesmos sentimentos, e temos de os conter... Depois, o país estrangeiro é sempre um tanto como a quinta do proprietario soberbo e avaro, cercada d'altos muros que nos não deixam ver nada para dentro, e fechada por pezados portaes ao nosso transitio. E, ainda por cima, lá fóra, ninguém dá conta da nossa opinião: os estrangeiros não têm voto. Por isso, quando numa nação não pode cada um dos seus membros prestar livremente homenagem nem aos seus homens mais illustres, como, por exemplo, ainda ha pouco aqui mesmo nesta cidade a Guerra Junqueiro; quando, pela dissipação dos poderes publicos, o trabalho falta ou é penosissimo; e quando não é licito a cada um expôr desassombadamente tudo quanto pensa, sem correr o risco de ir degredado para Timor, o conflito está travado entre a patria e a tyrania, e uma tem de succumbir.

Ha de ser a tyrania, porque a vida da patria é a vida da alma nacional, a vida

das nossas faculdades, que se não rendem pusillanivamente.

Para prova, vejam: Quanto ahi se não descursa e contraria nas classes cultas a faculdade d'acção! Primeiro ha de o menino estar quietinho em casa, depois encerra-se o rapaz meses consecutivos num collegio, e não se lhe ensina nunca pelo tempo adiante nenhum officio, o minimo trabalho manual. Calumnia-se-lhe ainda a sua faculdade de acção: chama-se-lhe faculdade de destruição. Pois bem! Um dia, que elle, já fóra das aulas, hesita em escrever uma palavra, sem saber se ella se escreve com uma consoante simples ou dobrada, e não lhe lembra a sua graphia, que a memoria visual lhe devia dar, e nem tão pouco, repetindo-a d'alto, a memoria auditiva lhe diz nada, é esse pobre sentido, contrariado, maltratado, amesquinhado, mas resistindo até á ultima, que o tira d'embaraço. O nosso heroe pega na penna e escreve para deante, entregando-se á sua faculdade motriz, e a orthographia sai-lhe certa.

Por isso a reacção, seja qual fôr, clerical, plutocrata ou cesarista, para atacar as almas emprega sempre o mesmo estra-

tagema de guerra: divide as nossas faculdades, põe-nas em conflito.

Todos sabem quanto esses conflitos são frequentes. Surge perante nós uma paisagem, uma pessoa muito bella? Paramos, ficamos em extase deante della, sem podermos mexer-nos nem pensar. A emoção paralyza-nos as outras faculdades. Um passeio, uma viagem, uma occupação, faz-nos passar a dôr e a tristeza, e até ás vezes tambem, infelizmente, distrae dos affectos, do amor. E como o estudo absorvente a que se sujeita a mocidade nas aulas, lhes vai fechando tanto o coração e tanto apoucando a acção e a serventia!

Os reaccionarios excitam, alimentam e multiplicam estes conflitos.

O clericalismo, invocando o amor, excomunga o trabalho e a razão.

O trabalho desperta o interesse, que corrompe o coração. O ideal é o ascetismo, o estado de pobreza. Dõe-se, legue-se tudo á egreja. Ella distribuirá depois a riqueza a cada um segundo os merecimentos da sua devoção. O grande caso é tê-la.

O estado de ignorancia é tambem o de santidade. O pensamento gera a duvida,

que é a descrença, e o erro, que é o pecado. E para que pensar? Para saber? Lá está a egreja infalivel para com os seus dogmas nos infundir toda a sabedoria, sem ser necessario pensarmos. E para que saber? Para grangear autoridade? Ella é que é a suprema autoridade, e reparte-a tambem, como a fortuna, entre os seus fieis.

Sobre a ignorancia e a miseria a teocracia ergue-se então ousadamente contra o amor. Rompe todos os laços affectivos. Separa o homem da natureza, da familia e da patria. Os laços da familia são carnaes, os laços da patria são mundanos, e a carne e o mundo, com o diabo, são os tres inimigos da alma. E não se contenta de extinguir o amor, acende os odios dos seus sectarios contra todos que não comunguem no mesmo crêdo, principalmente contra os bons, contra aqueles que pela virtude da sua atracção moral possam fundar sobre a terra uma nova religião, melhor, mais humana.

A plutocracia, essa, invoca o interesse contra o amor e a razão.

O sentimento distrae dos negocios. E para que perder tempo, que é dinheiro,

a amar? O pobre não o tem, e o rico não ha de assim malbaratá-lo. Amar a nossa terra, o campo arroteado e plantado por nossos paes e avós, para que? Para colher-lhe os fructos? Fica mais barato mandá-los comprar ao mercado. Amar a mulher, os filhos? O rico não precisa de amar para casar; nem precisa d'ocupar-se nunca da sua familia, toma para isso creados, mestras e professores, medicos e enfermeiros, em suma não lhe faltam serventuarios. Ter amigos? As amizades saem sempre muito caras, e tê-las com pobres é a ruina.

Nem divertimentos nem estudos! Nada de teorias! Sejamos praticos. E para que estudar? Para saber? O pobre não póde dar-se o luxo da instrução. Quem é rico, passa facilmente por culto; quando muito, tem para isso de comprar alguns quadros, estatuas ou livros d'autores celebres, e, ainda melhor, dar-lhes a honra de os sentar á sua meza. E para que saber? Para alcançar consideração social? O homem rico, que passa altivo e triumphante na sua carruagem de altas molas, vê logo todos a pararem no caminho para o cortejar. E' para alcançar autoridade? A autori-

dade compra-se. Compram-se empregos, compram-se votos. E o rico tem sempre um ultimo recurso decisivo para intervir na governança, que é emprestar aos altos poderes do estado.

Sacrificados assim o amor e a razão ao interesse, e portanto enfraquecido o trabalhador, a plutocracia dá-lhe o seu assalto. Ha de trabalhar só para ella. Ella é que dispõe soberanamente do capital. Paga-lhe o que quer de soldada; e, se não quer, não lhe paga mesmo nada, porque o pobre proletario não tem para onde apelar. O unico tribunal d'arbitros avindores que temos, creado por mim em Lisboa, vegeta a custo, e o que eu quiz crear aqui no Porto, ainda não existe. E, se o trabalhador adocece ou se invalida, ou quando envelhece? Peça uma esmola.

O cazarismo, por sua vez, invoca a razão para ferir o coração e o braço do homem, e, depois d'elle assim enfraquecido, impõe á razão o seu proprio arbitrio!

As paixões desvairam. O coração é uma cratera acesa donde por vezes irrompe e se projecta a lava das revoluções. E' indispensavel arrancá-lo do peito. Acima de

tudo, a lei. Ella vai buscar aos braços dos paes o filho, que é o seu colaborador insubstituivel, para o arremessar á vida insana e crapulosa dos quarteis? Abram os braços, obedeçam-lhe. Ella manda a esse rapaz, feito soldado, que aponte e faça fogo sobre os concidadãos, talvez sobre os seus irmãos? Dispare, obedeça-lhe. Ella decreta-nos festejos nos dias lutosos em que um telegrama nos acabou de anunciar a catastrophe do nosso bravo exercito, imolado em Africa não pelas armas do gentio, mas pelo descaroamento governativo da metropole? Pois façamos-lhe a vontade, vistamo-nos de gala e bailemos, que é para assim irmos perdendo de todo até ao ultimo os assomos da nossa emotividade moral.

E os interesses não são melhores conselheiros do que as paixões. A lei deve recalca-los egualmente. Se ella, em nome da salvação publica, nos manda levar tudo o que temos á bôca do erario, obedeça-se, ainda que depois não reste nada para levar á bôca dos nossos filhos. O cazarismo faz isso mesmo por systema. A riqueza pôde cimentar a independencia. Por isso nas

nações escravizadas politicamente se dá esta contradição flagrante: que, quanto mais empobrecido está o povo, mais os governantes luxam e esbanjam.

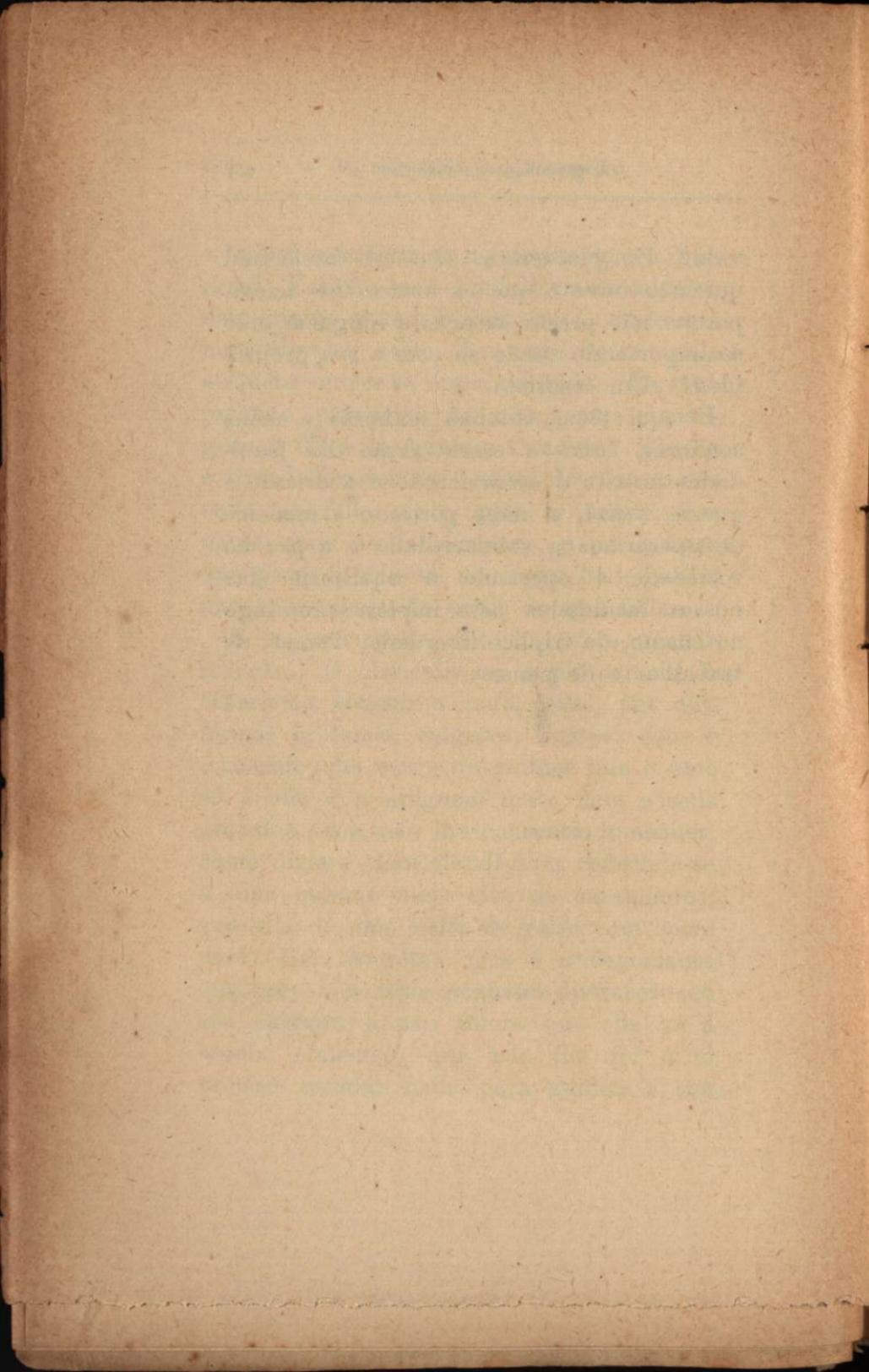
E' assim que o cazarismo, esmagando o amor e o trabalho, firma sobre a intelligencia, consequentemente tambem enfraquecida, a sua ditadura politica. A vontade do principe é a suprema lei. Proclama-se a sua omnipotencia na constituição e nas leis. Suprimem-se todos os outros poderes constituidos: parlamento, juntas geraes, camaras municipaes. Todos os partidos liberaes, democraticos, e toda e qualquer associação politica declaram-se fóra da lei. Nenhuma liberdade politica individual. Basta até simplesmente um homem ter grande valor para ser logo suspeito ao cazarismo, mesmo que seja seu subdito leal; dentro em pouco, ou está anulado ou é sepultado vivo nos grandes mausoleus consagrados á sua apoteose. Portugal tem em Mousinho uma espada vitoriosa? Embainhe o heroico capitão a espada e faça-se mestre de meninos, de principes. Serpa Pinto e Capello e Ivens percorrem o continente negro, atravessando-o de lado

a lado e sondando os mysterios do seu interior? Fechem-se e imobilizem-se adentro das quatro paredes dum paço, onde até num simples salão lhes seja defeso pela etiqueta mover-se á sua vontade. Ha uma palavra primacial na eloquencia portugêsa? E' a de Antonio Candido? Tire-se o grande orador da camara dos deputados onde se falla mais, para a camara dos pares onde se falla menos, e na camara dos pares ponha-se no logar onde tenha mais por obrigação ouvir do que fallar.

E na sociedade não ha só a grande reacção. O clericalismo, a plutocracia, o cazarismo tomam a cada passo, por ahi, fórmãs profanas, vulgares, frustes. Que é o marido que exige da mulher que o ame só a elle e a ninguem mais, nem a seus proprios paes, não lhe consentindo sequer, como dizia o chanceler Bulow, referindo-se a umã especie mais alta de casamentos, que ella dê uma volta de valsa com outro par? Um teocrata. Que é o negociante que recusa a mais pequena distracção ao seu caixeiro e não tolera que elle vá á escola, clamando que não lhe foi a si preciso estudar nada para ganhar a sua

vida? Um plutocrata. Que é o intelectual que não ouve o que os outros lhe dizem, porque não presta atenção a ninguém, não se importando senão só com a sua propria idéa? Um cezarista.

E aqui têm, minhas senhoras e meus senhores, como a escravização das faculdades arrasta a escravização e a divisão e guerra social, e como portanto a maneira de operarmos a solidariedade e a paz na sociedade é operando o equilibrio das nossas faculdades pela implantação, logo no ensino, da triplice liberdade, d'amar, de trabalhar e de pensar.



Coimbra republicana *

MEUS SENHORES !

Em nome de Coimbra, a que pertenço, desde muito novo, por laços affectivos que o tempo tem cada vez mais estreitado, eu agradeço as palavras inolvidaveis que acabam de aqui pronunciar os tres tribunos da democracia portugueza: Manuel d'Arriaga, o genio da oratoria e do bem, exemplo venerando das mais bellas e nobres virtudes civicas, e Antonio José d'Almeida e Antonio Luiz Gomes, duas das esperanças mais sanguineas de todas as almas que anceiam ardentemente pelo resurgimento da nossa grandeza historica.

E este dia de festa, em que Coimbra teve o prazer de receber tão illustres visitas,

* Allocução no Centro republicano « José Falcão », de Coimbra, em 7 de maio de 1905, segundo o extracto de *A Resistencia*.

deve-o ella ao seu valoroso partido republicano, que tantas provas eloquentes tem dado ultimamente da sua vida e solidiedade e da sua progressiva força e influencia, agitando as mais graves questões publicas nos seus comicios, e que é o partido que efectivamente já hoje melhor representa esta cidade, porque conta no seu seio professores da nossa Universidade tão insignes como Affonso Costa, o caudico incomparavel, mestre abalizado do direito e da jurisprudencia, nome sempre aqui saudosamente evocado e entusiasmaticamente aclamado por toda a parte, como Philomeno da Camara, o sabio physiologista e o benemerito clinico dos pobres, carinhoso presidente das Creches, que foi um dos intimos companheiros de espirito de Anthero e de Falcão, e como Angelo da Fonseca, um novo, tão modesto como talentoso e trabalhador, que é uma das promessas mais solidas e brilhantes da moderna medicina portugueza, um jornalista tão empolgante e primoroso como Joaquim Martins Teixeira de Carvalho, que põe sempre em todos os assumptos que versa com a mais ampla cultura, o

relevo, o colorido e a nota vibrante, caustica ou delicada e terna, da sua poderosa emotividade, e que, por esse seu poder de cordialidade, tanto tem atraído em volta de si a unanime simpatia da mocidade academica, o artista proeminente, que se chama Antonio Augusto Gonçalves, honra, a um tempo, da arte e do magisterio nacional, que é de direito a figura de mais autoridade e de mais prestigio para o operariado e para a industria conimbricense, porque ninguem lhes tem prestado serviços mais assinalados para a sua educação e para a sua defesa, negociantes de tanta valia e tanto credito, como Cassiano Martins Ribeiro, Manoel Antonio da Costa, Manoel Augusto Rodrigues da Silva, Manoel José Telles, e como Francisco Villaça da Fonseca, que mereceu mesmo á sua classe a distincção de ser o seu eleito para a presidencia da Associação Commercial, e os tres, João da Fonseca Barata, Jayme Lopes Lobo e Manoel Augusto da Silva, a quem me cumpre fazer hoje aqui uma menção muito especial, porque a elles, á sua imperterrita dedicação partidaria, de que são o mais louvavel exemplo, se deve

principalmente a vida deste Centro, cujo anniversario estamos celebrando, e, entre todas as outras classes sociaes, personalidades de tanto merito, de tanta consideração social, e tão queridas, como, por exemplo, o distinto professor e advogado Francisco Fernandes Costa.

Todas estas suas forças os republicanos de Coimbra põem confiadamente ao serviço da nossa emancipação nacional. E, ao saudar, por elles, nesta solemnidade, nos nossos tres amados hospedes todos os outros membros da nossa familia politica, sei bem que interpreto essa profunda e inabalavel confiança, exclamando: Viva o partido republicano portugûês!

Só a liberdade é a paz *

MINHAS SENHORAS E MEUS SENHORES!

Poderá parecer a algumas pessoas que esta Liga da Paz é descabida e vã num país como o nosso, onde ninguém pensa em aventurar-se a guerras exteriores; nem faltará talvez vontade a essas pessoas de pedir á Liga que faça a sua propaganda pacificadora, não dentro do país, que não precisa della para se convencer, mas, além fronteiras, a todos os que no estrangeiro nos ameacem com as suas cubiças. E ironicamente estarão repetindo os versos camoneanos: Aos infieis, Senhor, aos infieis, e não a mim, que creio o que dizeis.

Mas não têm razão. A sociedade portuguesa oferece hoje um contraste profundo

* Conferencia na Liga da Paz, em Lisboa, na noite de 18 de maio de 1905, segundo o extracto de *O Mundo*.

entre governantes e governados. Os governados não podem ser melhores. O nosso povo é tudo quanto ha de mais generoso e fraternal. Percorrendo o país, d'extremo a extremo, se revê a cada passo a sua hospitalidade. Eu ia com os meus filhos aqui por Monsanto, ao pé de Lisboa, quando nos appareceu um padeiro sobre a sua forte mula carregada das canastras do pão. Escuso de lhes dizer que não foram só os pequenos que apeterceram o pão saloio. Comprei-o. E, ao proceder á sua distribuição, ouvi atraz de mim uma voz simpatica de mulher, que me dizia quasi exprobatóriamente: « Mas os meninos não hão de comer assim o pão sem mais nada... ». Era a dona dumas vacas leiteiras, que morava ali ao cimo, e que logo correu ao seu casal para nos trazer, e presentear com ella, a mais deliciosa, a mais delicada das manteigas. Isto, ao sul. Outro anno, que eu estava com a familia no norte, em Moledo do Minho, a banhos, saímos a passeio pelos campos fóra, e, ao passarmos por ao pé dum, cujas macieiras avergavam de fruto, parámos, maravilhados. Pois não era menos exuberante o coração do dono!

Veiu logo convidar-nos a entrar no seu eido, e a colher das suas maçãs. Imagina-se a cresta que os meus filhos lhes dariam. Não contente com isso, ainda o excelente amphitryão lhes encheu os bolsos por fim, e, ao despedirmo-nos, instou comigo para lá voltarmos, pedindo-me: « E, para a outra vez, traga um creado com um sacco para levar para casa para os meninos ». Um sacco! Minha mulher frequentemente me observa: « Não temos presentes senão de pobres ». E é assim. O nosso povo está tão afeito á vida de trabalho e dedicação, que não ha renuncia e sacrificio de que não seja capaz. São o contrario, em geral, os nossos dirigentes: ociosos, egoistas e avidos, e por isso mesmo insociaveis, brigões, por vezes, até á ferocidade. Se a consciencia publica, a brandura dos costumes do nosso povo abolira já antes da lei a pena capital, e não consentiria a ninguem, hoje, que ella se acha restabelecida no codigo militar, a sua execução, os nossos dirigentes ardem no delirio de continuas expedições e guerras coloniaes, e ainda ultimamente, possessos de colera, têm reclamado, vozes em grita, que se

castigue com a morte barbara o gentio africano que nos infligiu a cruel derrota de Cunene. E' o atavismo do ponto d'honra militar da edade media, que o genio de Cervantes, agora comemorado solemne-mente não só pela Espanha, até nos seus nobres arroubamentos caricaturou na figura imortal de D. Quixote; com a diferença, que os nossos dirigentes, á maneira de tantos dos nossos morgados pugnazes e poltrões, que mandavam os seus creados liquidar por elles as suas contas, preten-DEM desagrarar o seu brio, mandando o exercito, de que, na grande maioria, caute-losamente se isentaram, e que é, portanto, quasi todo, o exercito só do povo, arriscar por elles a vida, como se fossem seus lacaios, no aspero recontro com os rebeldes.

E as lutas não são unicamente as que se travam com as armas na mão. Por muitos outros modos se dilaceram tambem rude-mente os nossos dirigentes entre si, e é raro que se juntem, a não ser para melhor poderem dar o golpe nas justas revindica-ções nacionaes

Das lutas clericas o ultimo caso, que veiu a lume, é o do Seminario de Bragança,

que teve o seu tanto de dramatico, especialmente para as pobres familias campezinas dos seminaristas, para contrapôr aos casos hilariantes, ainda não de todo esquecidos, da batalha heroi-comica dos padres do Hospicio de Santa Martha, que chegaram a vias de facto, e das contensões de passamanaria, menos violentas, mas não menos ruidosas e ridiculas, do patriarcado de Lisboa com a curia romana. Aqui têm uma briga que tomou as proporções duma luta externa. E da furia com que o clericalismo assalta todos que não são seus sectarios, posso eu dar-lhes pessoalmente testemunho. Ver-se-ha a que ponto elle excita contra os herejes as sanhas da sua grei. Ha pouco ainda, uma pessoa das minhas relações propunha-se solicitar de mim um serviço; informadas disso, duas beatas, logo a procuraram para a demover do seu proposito, comprometendo-se a conseguir-lhe o que ella desejava. E conseguiram, é claro. Mas isto é simplesmente a excomunhão, e os clericaes não se limitam a afastar zelosamente os seus devotos, as suas ovelhas, dos herejes, dos lobos. E' preciso exterminar a gente de pouca fé. Para isso

fanatizam tanto as suas ovelhas, que fazem dellas feras, muito peores do que os verdadeiros lobos, levando-as a crer que, para alcançar a bemaventurança eterna, não devem mesmo hesitar em atentar contra a vida dos herejes. E desgraçadamente chega-se a essa loucura moral. Eu lhes conto. Passando por ao pé duma casa em Coimbra, ouvi gritos afitivos, e nessa ocasião entrava para a casa um medico, que me explicou: « E' uma senhora, que sofre da monomania religiosa. » E vim depois a saber que essa infeliz, na força dos seus acessos, impunha a todos que nesses momentos a rodeavam, que gritassem com ella: « Morra o Bernardino Machado! » Eu era então o grão-mestre da Maçonaria portugêsa, quer dizer, o proprio Satanaz em pessoa. Coitada!

As lutas financeiras entre sindicatos rugem ahi neste mesmo momento, desgredhadamente, os mais pungentes doestos, no prelio em volta do contracto dos tabacos. E, para avaliar quanto toda essa plutocracia fere de inanição o trabalho nacional, basta lembrar a torrente d'emigração que cada anno desangra o corpo social, e essa outra

torrente de miseria, orphãos, viuvas, invalidos e velhos, que por toda a parte, nos caminhos e nas ruas, estendem a mão á caridade publica, e até, para nosso maior desdouro, á dos estrangeiros que nos visitam, e que deixam aqui, como deixam em Marrocos, as suas esmolas. Os plutocratas tratam os infelizes desalmadamente, á semelhança dos povos selvagens, que os imolam para não se sobrecarregarem com a sua sustentação, mas sem terem, como os selvagens, a atenuante da penuria geral, porque o que tiram ao alimento, ao vestuario e ao abrigo dos proletarios, dissipam-no no luxo e na corrupção.

As lutas politicas ahi estão tambem patentes. Os partidos monarchicos esfacelam-se, um após outro; e, no proprio partido republicano, se os dirigentes se não dilaceram, se muitos mesmo dão os melhores exemplos da mais leal camaradagem, é certo que tambem alguns não unem. Um amigo meu referiu-me ha tempo a queixa significativa que um desses dissidentes formulava contra o nosso querido jornalista França Borges: que elle elogiava incessantemente os seus correligionarios,

dizia bem demais delles. Que foi elle fazer, realmente! E nem lhe valiam, para resgate de tão grave pecado perante esse rispido censor, as vezes que elle, com equal ardor partidario, teria tambem, para compensação, dito mal demais dos seus adversarios. Isto é dentro de cada partido. Dum para outro, a luta mais se encarniça. Para muitos monarchicos todo o republicano é um discolo, quasi um bandoleiro; para varios republicanos todo o monarchico é um criminoso, um malfeitor. Eu mesmo, para a intolerancia de taes republicanos, não passarei nunca, apesar da unidade moral de toda a minha vida, duma especie de christão novo, cuja conversão se celebra festivamente no dia do baptismo, mas que, passado esse dia, a breve trecho se lança ao lume vivo da fogueira para o expurgar de toda a peçonha original. Tem muitas relações com monarchicos! arguirão, como se repetissem a accusação do Santo Officio: Tem sangue de judeu! Quasi todos os monarchicos só sonham com medidas de repressão contra o povo; e não faltam republicanos que só sonhem com as incandescencias da revolução popular. E, em-

quanto para estes republicanos não chega a hora anciada da revolução, hora em que podem contar que terão ao seu lado, senão á sua frente, muitos dos monarchicos que já hoje, nas suas aggressões reciprocas, invocam a alçada dos candieiros, os monarchicos aproveitam o seu tempo, não perdendo ensejo de ir acutilando as mil cabeças da hidra democratica e embarcando-as no porão dos navios para Timor, com tanta crueza, que não tardará que efectivamente aos seus excessos de repressão responda a explosão espumante da onda revolucionaria.

E' uma demolição geral. As nossas classes dirigentes, ou não se associam, ou as suas corporações não se reúnem. Estão em perpetuos conflitos d'interesses, tratam-se pelas alcunhas mais deprimentes e infamantes, e um factio bem caracteristico da sua dissociação: em Portugal, seja sobre o que fôr, não se cita um português.

E, entre nós, estrugem como um grito de guerra as palavras desapiedadas de Brenno aos romanos: *Vae victis!* Ai de todos os fracos! Não se poupa a fraquêsia de ninguém. Basta alguém cahir doente ou entrar

na velhice para logo tentarem acabar com elle: « Não serve para nada! Está perdido! Está chôcho! »

Já vêem quanto na sociedade portugueza persiste ainda, como uma sobrevivencia canibalesca, o espirito da guerra.

Será necessario demonstrar que esse espirito pre-historico é o espirito da destruição e do mal? Estarão as nossas classes chamadas cultas, que até moralmente se vestem das modas estrangeiras, compenetradas de que o *struggle for life*, a luta pela existencia, é a lei do universo?

Hoje a sciencia não proclama, como dantes, a antitese, a luta das idéas, que agitava o cerebro d'Hamlet no celebre monologo: Ser ou não ser, eis o problema! Não. Desde Hegel que ella proclama a sintese, a unidade, a harmonia. Nem os corpos inorganicos se separam por substancias, nem os seres vivos se separam por especies, nem os homens se separam por castas e classes. Unidade e conversão da materia e dá força, unidade e transformismo dos mineraes, plantas e animaes, unidade e evolução da humanidade, eis os altissimos principios do nosso tempo.

E a sciencia, já hoje, no começo do seculo xx, não julga, como julgava Hegel, no começo do seculo xix, que a sintese, a unidade, a harmonia envolve a antitese, que a conversão, o transformismo, a evolução, que o progresso se opéra por meio da luta.

A gravitação que Newton demonstrara para os astros, generalizou-a a sciencia contemporanea para todas as massas dos corpos, ainda as mais pequenas, desvendando os misterios da cohesão molecular e da afinidade atomica.

E seria contraditorio, paradoxal, não é verdade? que a atracção fôsse a lei dos corpos brutos, e a dos corpos vivos e animados fôsse a luta, a destruição. Para os organismos, desde os mais simples, como o lichen, que é uma simbiose, a lei é tambem a associação, a solidariedade. Para uns viverem não é preciso que morram outros. As duas grandes leis, enunciadas pelos sabios naturalistas, de Lamark a Darwin, da hereditariedade e da adaptação, são incompativeis com a pretendida lei da luta pela existencia. A hereditariedade é a solidariedade das novas com as antigas gerações; e a adaptação é a solidariedade

de cada ser vivo com o meio, o qual não é sómente o meio inorganico, mas tambem o organico, e, mais do que com qualquer outro meio, com o dos seus semelhantes.

A figura então do homem é a propria figura da paz. Já não tem, como os seus proximos parentes, os antropoides, prêsas, garras, e a cabeça conformada em tom de guerra, a face prognata, aguçada como um punhal, e o cranio encimado de cristas como um capacete. A sua cabeça aproxima-se da fórmula espherica, que é a fórmula do equilibrio, da suprema harmonia, a bôca deixou de ser um orgão de prêsa, d'ataque e dilaceração, para se converter no orgão da palavra, pela qual exprimimos os mais doces sentimentos, e as mãos deixaram de ser garras para se transformarem em instrumento de trabalho e meio de sociabilidade. E, pela sua attitude erecta, o homem não só pôde estender affectuosamente a mão ao outro homem, mas pôde ir de peito para elle e apertá-lo nos seus braços junto ao seu coração. Por isso, chamem ainda, se quizerem, ao homem rei da criação, mas o que já não é licito, é dar-lhe o titulo de seu generalissimo.

A unidade dos seres vivos não é só a organica, é tambem a espirital. A psicologia reune hoje creanças com adultos, a mulher com o homem, o povo com os grandes, o selvagem com o civilizado, os anormaes, até os monstros, com os normaes, os animaes com os homens. E as mesmas leis do desenvolvimento dos organismos presidem ao dos espiritos. Os povos são tanto mais fortes quanto mais unidos com os seus antepassados e com os seus coetaneos. A civilização dum não se faz á custa da civilização de nenhum dos outros, mas assimilando em si a de todos elles. Exemplo: o Japão.

Ha, em suma, para os seres vivos e animados, uma atracção organica e espirital, que se estreita tanto mais quanto mais consanguineos elles são, da mesma raça, da mesma patria, da mesma familia. O prazer tão intenso que os moços sentem em estar uns com os outros, o prazer que todos, novos e velhos, sentimos em nos encontrarmos, o prazer tão saboreado pelos lisboetas de fazer a Avenida, não tem outra explicação.

A luta, pois, entre os seres, é ainda um factó infelizmente muito frequente, mas não

é uma lei. Tal é a afirmação da sciencia moderna. E por isso, se dantes, que a sciencia era a sciencia da luta, como ella não descobrisse a paz neste mundo, o homem tinha de procurá-la noutro, hoje que a paz impera como uma verdade scientifica sobré a terra, não tem já ninguem de procurá-la noutro mundo, mas a nossa obrigação é contribuir por todos os nossos esforços para consolidar o seu reinado cá neste.

A industria deixou tambem de ser a industria da guerra. Dantes, a principal occupação era a das armas. Os cavaleiros desdenhavam de letras, não aprendiam sequer a ler. A sociedade moderna desmilitarizou-se. Hoje nem os proprios ministros da guerra e da marinha são sempre militares. Da militarização antiga dos chefes quasi só resta, archeologicamente, a farda e a durindana dos reis e dos principes. Até a industria da caça, que é a industria da guerra aos animaes, vai sendo só delles... e dos presidentes de republica, para os obsequiarem. A industria é a da fabrica, dos caminhos de ferro, dos túneis, dos canaes, industria que tudo pacifica, e

até da bala da espingarda mortifera faz o projectil dum cabo de salvação a naufragos, do corcel de guerra faz o cavallo do medico que percorre a aldeia para dar alivio aos seus doentes, e da luva de combate, do guante, faz a luva do britador de pedra nos Estados Unidos da America do Norte.

A' arte guerreira succedeu egualmente uma arte que nos comove com os quadros mais ternos. Erguemos estatuas, não aos grandes capitães, mas aos grandes patriotas e bemfeitores da humanidade. Pinta-se a creança, pintam-se as outras raças, pintam-se animaes e plantas, pinta-se o ceu, o mar, e a montanha. A arte interpreta, sob todas as formas esteticas, o movimento de efusiva simpatia que anima o homem moderno para com todos os seres.

E sciencia, e industria e arte vão vinculando as mais diversas gentes e nacionalidades, até na mesma officina ou laboratorio, pelos laços dos seus descobrimentos scientificos, dos seus inventos industriaes, das suas creações artisticas. Para nada disso ha fronteiras. O mesmo drama apaixona desde a Scandinavia todas as plateias do mundo. Mais: uma idéa gera-se em França,

desenvolve-se na Inglaterra e na Alemanha, amadurece na Italia, e assim torna as diversas nações colaboradoras, consocias e amigas. E, se entre os representantes da actual cultura, surgem competencias, ellas se derimem e resolvem nesses certamens de paz, que se denominam exposições e congressos, onde os homens se aproximam e tratam de perto, travando entre si relações affectuosas que nunca jámais arrefecem de todo.

Assim arte, industria e sciencia convergem para uma nova moral humana, de cooperação e fraternidade, se não foi mesmo a moral do imperativo categorico de Kant, do dever, da solidariedade, que preparou toda esta florescencia de concordia e de paz pelo universo.

Como as antigas catastrophes da natureza, já tão raras nos tempos recentes, as guerras diminuem. As lutas singulares e as lutas de bandos tendem por toda a parte a desaparecer das sociedades policiadas. Nellas a força publica serve, não para armar desordens, mas para manter a ordem. Quer-se, por exemplo, atravessar com um cortejo as ruas da cidade? A tropa vai

adeante abrindo caminho, e ladeia mesmo e fecha o cortejo para que ninguém se atreva a perturbá-lo. As lutas hodiernas são quasi só de nação para nação, e essas mesmas ferem-se cada vez menos corpo a corpo e cada vez mais espiritualmente, diplomaticamente. Os exercitos são o ultimo recurso, e recurso de que só é licito lançar mão para a defesa, não para o ataque. Devemos todos fazer o serviço militar, como nos cumpre educarmo-nos, aguerrirmo-nos fisicamente, profilaticamente, para nos defendermos de todo agente de destruição, seja qual fôr, seja um microbio, seja um homem. E' este o nosso espirito militar. Temos officiaes, instrutores militares, como temos medicos. Quando paramos na rua para ver o regimento que passa, com a sua banda de musica á frente, não é o odio ao estrangeiro que nos agita, mas o cuidado pelos nossos filhos, pelas nossas mulheres, pelos nossos velhos paes, é a figura da patria que perpassa pelos nossos olhos, representada na bandeira do regimento, á vista da qual todos nos descobrimos, com os corações inquietos, mas unisonos, palpitan-tes de anciedade e de ternura.

O que augmenta prodigiosamente na humanidade, é a união, a cooperação. Organizam-se legalmente em todas as nações avançadas associações politicas; o cooperativismo é o mote da economia; e as proprias religiões, com todas as suas dissidencias, senão mesmo antagonismos, congregam-se pelas suas mais eminentes personalidades no congresso de Chicago. Estes laços atam-se até d'estado para estado, cimentando-se cada dia mais entre elles a grande internacional do amor, do trabalho e da instrucção, sobre que se hão de erigir no futuro os Estados Unidos da humanidade inteira.

E, assim como no mundo phisico a força d'atração se estendeu dos astros até aos atomos, assim tambem no mundo moral a atracção das almas se foi estendendo dos grandes e poderosos até aos fracos, aos humildes, aos infelizes. A nossa ordem não é como a de Varsovia, não se firma sobre a dôr. O mundo moral moderno é em grande parte a obra d'integração social de todos os pequenos. Socializa-se a creança pelo ensino. Socializa-se a mulher, dando-lhe logar ao lado do homem em todas as

profissões e reuniões publicas. Socializa-se o povo, abrindo á jaqueta do lavrador e á blusa do operario todas as carreiras e dignidades até ao parlamento, até á suprema magistratura nacional. Queremos que a colonização seja, não o exterminio das raças selvagens, mas a sua educação, a sua socialização, a transfusão do sangue da civilização na alma inculta dessas raças juvenis. Nem os lazarus e pestíferos emparedamos e isolamos, mas entregamo-los aos desvêlos dos mais habéis e devotados clinicos, e apressamos a convalescença de todos os doentes, distribuindo-lhes nos hospitaes illustrações e jornaes, que os ponham em comunicação com a sociedade. Mais ainda: nem guerra aos criminosos hoje fazemos. Acabou-se com a pena de morte, acabou-se com os suplicios e as torturas; está condemnado o degredo, condemnada a penitenciaria cellular. Tratamo-los como doentes, pelo convivio sobretudo dos homens de bem, em casas de regeneração, como as que amavelmente dirigem o padre Areosa, Pinheiro Torres, Silva Pinto e os dois irmãos Vasconcellos. Até os animaes ferozes e as plantas venenosas o homem foi

domesticando, cultivando, trazendo para ao pé do seu lar, e até os microbios mais terriveis procura hoje regenerar, atenuando-lhes a virulencia. Guerra, nem aos maus! Para se defenderem delles, os bons não precisam senão de unir-se, unir-se até para lhes acudirem. Nesse elevado sentido é que se devem orientar os tratados e as alianças; por essa elevada significação moral é que hoje por todo o mundo civilizado se consagra esperançosamente o anniversario da Confederação internacional da paz e arbitragem inaugurada em egual dia na cidade da Haya.

Desde o mineral até ao homem, que o universo se vae solidarizando, organizando, pacificando. A paz é tão indispensavel ao progresso da civilização, como ao de toda a cristalização.

Mal dos países, onde, como em Portugal, aos enfermos indigentes faltam enxergas nos asilos e nos hospitaes! Mal dos países onde as cadeias são como as nossas! Mal, muito mal, dos países, onde, como entre nós, não só se deixa morrer, se mata muita gente por falta d'altruismo e d'assistencia dos poderosos! As sociedades assim de-

caem abaixo da natureza bruta, porque a desordem moral é ainda mais inoportavel do que a desordem phisica; e por isso os membros dessas sociedades decadentes, sem crença nos homens, apellam para a superstição das coisas, para os bruxedos e feitiços, sem meios de ganhar a sua vida e amealhar a minima economia, apellam para os azares da sorte, para o jogo e loteria, e, sem confiança na justiça de ninguem, apellam para os ditamens naturalistas da hereditariedade para a investidura dos cargos publicos e da antiguidade para as suas promoções. Não será este o retrato do estado d'alma de tantos portuguezes no angustioso momento historico que hoje atravessamos?

A guerra, a luta, é o mal. Mas como suprimi-la? E' mister atacá-la na sua origem. Ora a sua causa é o despotismo. Hobbes disse: *homo homini lupus*. Mas disse tambem: *homo homini deus*. A luta é sempre a obra infesta dos despotas que se divinizam, que se investem absolutamente no poder por direito proprio.

As guerras e lutas religiosas, com todos os seus horrores, provieram do despotismo

sectario, que ainda hoje desencadeia os paroxismos da furia musulmana contra os christãos da Armenia e da Macedonia. As conflagrações economicas, acendeu-as o despotismo ávido dos senhores, e, se mesmo nos nossos dias se ouve, por vezes, o seu fragor, é que as renova a tirania do capital contra o trabalho. As convulsões politicas, provocou-as sempre o despotismo cesarista, provocou-as quasi por toda a Europa ainda na primeira metade do seculo passado, durante a qual a nação portugueza teve tambem de defender-se, á mão armada, do miguelismo e do cabralismo.

Porque é tão medonha a tragedia russa? E' que nessa desditosa nação todos os despotismos se concentram para a oprimir e revolver.

Mas para que buscar exemplos lá fóra? Porque é que actualmente em Portugal estamos tão divididos, governantes de governados e governantes uns dos outros, que parece até que soffremos do panico da nossa decomposição social? Qual a causa das nossas agitações religiosas? E' que os nossos teocratas pretendem fazer da religião catholica, que o estado subsidia,

a propria religião do estado, excomungando delle todos que publicamente a não professessem, pelo restabelecimento de leis penaes, atentatorias da liberdade de cultos, que haviam cahido em desuso e esquecimento no nosso fôro, e que nunca foram legitimas, porque estavam em contradição com a letra expressa da constituição, que declara que ninguem póde ser perseguido por motivo religioso. Qual a causa das nossas agitações economicas? E' esse sem numero de monopolios, que, dia a dia, se multiplicam — monopolios de tudo, até da luz —, que todo o trabalho nacional vão avassalando e toda a seiva da nossa produção vão sugando, como se fossem os mil tentaculos dum polvo enorme, insaciavel de riqueza e de carnagem. Qual a causa das nossas agitações politicas? E' que não temos liberdades publicas, não temos franquias locaes, não temos direitos e regalias individuaes. O arbitrio cesarista é que é a lei: está na legislação constitucional e eleitoral, está na legislação colonial, e está num sem numero de disposições legislativas geraes, que tiveram como soberano remate a lei nefanda de 13 de fevereiro de 1896; e,

quando não está na lei, rasga-a, passa por cima della e calca-a aos pés. Os partidos monarchicos esfacelam-se, porque reina dentro delles discrecionariamente a autocracia dos chefes; e, se até mesmo dentro do partido republicano nem todos os correligionarios se unem como um só homem, uma só alma, é que dentro delles ha tambem dirigentes, aliás cheios das melhores ambições, que são, talvez mesmo sem o saber, como a igreja, e, como ella, não querem que ninguem se salve senão pela sua graça.

Toda centralização, todo monopolio, todo privilegio é a dissolução dos laços sociaes, é um estado de tanta divisão, e por isso de equilibrio tão instavel, que se torna fatalmente precursor do rompimento e da luta. Não é pela convergencia de todos para um só homem, amando-o só a elle, trabalhando só para elle e pensando só nelle e como elle, mas pelo entrelaçamento mais intimo de todos, amando-se uns aos outros, trabalhando uns para os outros e pensando uns nos outros e como os outros, que se edifica e firma e profunda inabalavelmente a unidade e integridade da patria. O despotismo interior deslacha, enfraquece e degrada as nações,

expondo-as aos atrevimentos do despotismo exterior, que não tarda que, até em nome da civilização e da justiça, pretenda impôr-se-lhes.

Onde é que ha menos lutas? E' na familia, onde, como em nenhuma outra parte, nós temos liberdade, onde, mais que em qualquer outra parte, nós fazemos as nossas vontades. Porque é que as guerras civis dentro das nações vão desaparecendo? E' porque em nenhuma outra nós temos tantas liberdades como na que é nossa patria. Quando numa nação abafam os nossos sentimentos, entorpecem e paralytam o nosso braço e roubam os nossos votos, deixa de haver nella um centro de cohesão e de paz, deixa de haver patria, porque deixa de haver liberdade, e a revolta é certa.

Quaes as nações mais ordeiras e pacificas? As mais liberaes. A Suissa, tão dividida de territorio, de raça e até de lingua, atingiu uma tranquillidade inalteravel, graças ao seu entranhado culto pela liberdade. A Inglaterra sustenta em pé o seu collossal imperio pela força do *self government*. E a França, sem embargo de todas as conspirações

reaccionarias, vai cada vez mais, pelo desenvolvimento das suas instituições republicanas, afastando para o passado a era dos golpes de estado, das insurreições, das guerras e desmembramentos territoriaes.

Uma nação, ainda que seja mais pequena do que a nossa, ainda que tenha sobre si vizinhos mais poderosos do que os nossos, e ainda que tenha, como nós, possessões longinquas a guardar e a socorrer, basta que seja fiel á liberdade, seja, como a Holanda, antigo asilo inviolavel de raças e individuos oprimidos, desde Spinoza até Kruger, e hoje pretorio augusto da justiça internacional, e póde descançar; que ninguém atentará contra a sua autonomia. A independencia dentro garante a independencia fóra.

A ordem, a paz, obtem-se pela liberdade, é o seu premio. Atesta-o admiravelmente a Inglaterra, que, depois da rude experiencia que lhe custou a separação dos Estados-Unidos da America do Norte, pacificou pela liberdade o Canadá revoltado, é pela sucessiva emancipação religiosa, economica e politica que vai pacificando a Irlanda, e é pela concessão do governo representativo

que agora mesmo inicia a obra da pacificação do Transwaal. Atestam-no igualmente neste momento os Estados-Unidos da America do Norte, que, á medida que augmentam as imunidades nas Filipinas, reduzem lá as suas guarnições.

Só nas nações livremente governadas, onde todos os cidadãos estão certos de que ninguem os deshonrará, usurpando e ludibriando os seus direitos, póde cada qual dedicar-se serenamente aos seus negocios, entregar-se de todo, proficuamente, ás suas occupações. Entre nós, impossivel. Na irrequietação moral que nos consome, receosos sempre dos peores desaires e afrontas, mal se póde trabalhar, mal se póde pensar, quasi se não póde sequer amar. Quantas vezes se me depara uma das formosissimas paisagens do nosso querido torrão, e eu fico encantado, extasiado, mas alguma cousa dentro em mim me não deixa parar e ver bem, e digo comigo: Que beleza, se houvesse bom governo em Portugal! Isto é, como eu então a gosaria!

Como foi que nós acalmámos as nossas lutas e agitações civis? Foi pelo liberalismo do acto adicional de 1852. Como foi

que desde então mantivemos quasi sem secussões a paz por mais de trinta annos? Foi pelo liberalismo progressivo desse periodo que se fecha logicamente pelo acto adicional de 1885. Como ha de voltar a paz á nossa nação, aos nossos casaes? Só a liberdade é a paz.

“ A Reforma ” *

MINHAS SENHORAS E MEUS SENHORES !

Apesar de ainda coberto de luto pela morte recente duma pessoa de minha familia, por toda ella venerada, apressei-me a vir a esta sessão solemne, que os seus promotores tão amavelmente haviam adiado para quando eu pudesse estar presente, para, ao lado dos oradores que acabam de abrilhantá-la, o dr. Francisco Joaquim Fernandes, que é honra da cathedra e da tribuna portugûesa, Antonio Leite da Silva, que é um dos mais prometedores talentos do fôro portuense, e Americo da Silva Castro, esperançoso e simpatico alumno da Faculdade de direito da nossa Universidade,

* Discurso na inauguração do Monte-pio da classe commercial do Porto, « A Reforma », segundo o *Norte* e *A Vox Publica*, em 16 de julho de 1905.

saudar com toda a efusão da minha alma a generosa instituição que hoje aqui se inaugura, os seus benemeritos fundadores, e nomeadamente José Ferreira Gonçalves, meu querido amigo e correligionario presentissimo.

« A Reforma » é mais uma afirmação eloquente das inesgotaveis forças com que a sociedade portugêsa se vai renovando e vai reconstituindo o seu abatido credito e prestigio antigo.

Graças ás classes trabalhadoras, a nação cada dia opéra mais solidamente e profundamente a sua organização religiosa, economica e politica.

Nunca como nos ultimos tempos houve o culto dos antepassados. Iniciam-se mesmo em honra das grandês figuras historicas verdadeiras associações religiosas. O povo sente a necessidade d'amar, de festejar os seus contemporaneos illustres. Não ha muito que, com a nossa mocidade escolar, celebrou em Lisboa a ápotheose de João de Deus, e ainda ha pouco nesta cidade manifestava a Guerra Junqueiro a sua carinhosa admiração. E a piedade pelos fracos e humildes tem augmentado sempre.

As Misericordias acrescentam as suas enfermarias, e erguem, ao lado dos seus hospitaes, novos recolhimentos para os cegos e surdos-mudos. Criam-se creches e asylos para as creanças, hospícios para os velhos e invalidos. Então as creancinhas, pega-se até nas mais anemicas e levam-se amavelmente em bandos, em colonias, á beira-mar, onde se lhes retempere a saude com o ar puro e o banho tonificante.

Economicamente, tẽem-se sobretudo multiplicado as sociedades de socorros mutuos, e o Monte-pio Geral de Lisboa, que é hoje uma potencia financeira, exemplifica o incremento que ellas vão tomando. Por varias partes se estreiam auspiciosamente caixas economicas. Esboça-se já a protecção aos invalidos do trabalho, e agora mesmo o faz relevantemente a classe commercial do Porto com esta magnifica instituição — « A Reforma » — destinada a assegurar previdentemente aos seus membros e ás suas familias o pão e a independencia nos dias precarios da invalidez e da velhice. E estes laços economicos das classes trabalhadoras não são sómente locais, mas geraes. Basta lembrar a soberba parada

de forças que no anno passado as associações commerciaes de todo o país fizeram na capital contra as onerosas propostas de fazenda então em discussão.

Politicamente, cada vez mais o nosso povo procura unir-se pelas idéas, pela razão. Cada vez se forma mais em Portugal, e se torna mais imperativa a opinião publica. Surgem jornaes até nas povoações mais modestas. Fundam-se academias e universidades populares de estudos livres. E de todos os pontos do país se solicitam avidamente conferencias, conferentes.

E esta obra de organização da patria, elaborada infatigavelmente pelas classes trabalhadoras, é tanto mais de admirar, quanto é lastimosamenté certo que ellas a têm emprehendido e realizado, sósinhas, ao criminoso abandono dos poderes publicos, das classes dirigentes, que são colectivamente irreligiosas, anti-economicas e tão ignorantes como caprichosas e vesanicas.

Os nossos dirigentes amam o tabaco, a mēsa lauta, as carruagens e os automoveis, têm todos estes cultos feiticistas, mas, em geral, não amam a ninguem. Ainda agora estrugiu dilacerantemente nesta cidade um

grito d'angustia da classe piscatoria, espavorida pelo espectro da fome: e quem dos nossos governantes a ouviu e lhe acode?

A vida dos nossos dirigentes é uma vida de perdularios. Sangram incessantemente o corpo da nação e tudo é sempre pouco para a sua insaciavel voracidade. Os *deficits* acumulam-se assustadoramente. E, quando, acoessado pela miseria, alguém ousa ir além mar em busca de trabalho, ainda os nossos governantes fazem da miseria materia colectavel, e cominam, sob penas graves, ao desditoso emigrante o imposto dos passaportes.

E, entre os dirigentes, ninguém se importa com idéas. Não é isso que os liga. Riem-se dos principios ás gargalhadas, chamam-lhes trocistamente os imortaes principios. Os partidos monarchicos não têm programa. Dantes no partido regenerador Fontes e Casal Ribeiro, nos seus discursos no parlamento e fóra d'elle, expunham os seus planos governativos; hoje ao seu chefe basta-lhe merecer a confiança da corôa, não tem que pensar em mais nada. O actual chefe dos progressistas, faça-se-lhe esta justiça, ainda até ao seu penultimo minis-

terio quiz sustentar o programa do partido, mas os seus proprios correligionarios arrancaram-lho das mãos e rasgaram-no. O chefe dum partido recente apresentou se, é verdade, ao país com um discurso programa. Mas quem não vê que esse simulacro de programa, tecida dos farrapos das liberdades que o seu autor febrilmente se fartou de despedaçar durante o governo do engrandecimento do poder real, não passa duma capa de furta-côres, com os seus laivos vermelhos, com que esse partido, especie de bulangismo nacional, unicamente pretende atrahir e bandarilhar o toiro popular, que felizmente já se não cega assim com tamanha facilidade, e oxalá um dia, d'enraivecido, não macule a arena com o sangue dos seus bandarilheiros.

E não só os nossos governantes não ajudam o progresso religioso, economico e politico da nação, antes o dificultam e enfraquecem, mas até, a cada passo, combatem sem treguas os esforços que por elle envidam as classes trabalhadoras.

A' solidariedade religiosa da nação, ao nosso amor pela familia, pela patria e pela humanidade, opõem uma religião d'estado,

que não é a doce e caroavel religião de Jesus, zelosamente praticada por muitos membros do nosso clero parochial, mas sim a religião sectaria, das congregações ultramontanas, que é feita de superstição, de terror e d'odio.

A' solidariedade economica da nação, á sua organização cooperativa, mutualista, opõem os monopolios egoistas e avaros, que são a depredação da riqueza publica e a guerra declarada ao consumidor e ao productur nacional.

A' união politica da nação pelo governo da opinião publica opõem o arbitrio, a autocracia dos chefes dos partidos, que todos os élos da cohesão civica rompem entre os seus correligionarios. Os actuaes partidos monarchicos são monarchicos até na sua constituição interior. Os seus chefes, investidos numa magistratura vitalicia, são dentro delles uns reis. E este vicio constitucional parece irremediavel. Observe-se como se tem constituido esse ultimo partido monarchico que se denomina liberal, e que agora anda a protestar democracia entre o operariado. O seu chefe impoz-se-lhe, e faz no governo do partido a politica

do engrandecimento do poder pessoal, emquanto não póde tornar a fazê-la no governo da nação. E é curioso e significativo que elle pregue aos ouvintes dos seus centros — aristocraticamente divididos em centros dos homens que tẽem que perder e centros dos operarios que nem muitas vezes terão que ganhar — que devem intervir pelos seus eleitos no governo da nação, começando por não lhes consentir que elejam sequer o seu chefe a dentro do partido. Imagine-se que eleições livres ha a esperar dahi. Tanto esse partido é o seu chefe, que os seus membros se chamam ordinariamente franquistas, tanto é o chefe e só elle, que os seus correligionarios proclamam que no dia em que elle não corresponder á sua confiante expectativa, se dispersarão, alguns até promettem vir então desengañados para a republica. E em que titulo se funda o seu chefe para assim se impôr? Que tem atraz de si no seu passado para assim se julgar de direito aclamado pelas gentes? Fontes blasonava um dia, na camara dos deputados, de não haver precisado nunca de ser eleito chefe do seu partido; mas a Fontes havia que lhe des-

culpar essa altanaria, porque, quaesquer que fossem os erros da sua administração, tinha a falar por elle as estradas, os caminhos de ferro, os telegraphos, inumeros serviços prestados na sua longa carreira á nação...

Não excomungo ninguem da democracia. Tomara vê-la acrescentada com todos os seus actuaes adversarios. Faço mesmo quanto posso por isso. Entendo que é do meu dever fazer uma politica de atracção, de tal modo que, no dia em que os monarchicos reconhecerem que nada podem tentar com exito para bem da patria senão nas fileiras dos republicanos, nem uns nem outros se sintam humilhados ao estenderem-se mutuamente as mãos. Por varios dos meus adversarios tenho mesmo a ternura que me fica sempre pelos meus camaradas dalgum dia. Mas, assim como por mais amigo que eu seja dum côxo, não o recommendarei nunca para estafête e moço de recados, assim tambem não posso recommendar a ninguem um antigo despota para chefe de liberaes. Sirva a liberdade! Faça primeiro as suas provas de que é capaz d'amá-la e de defendê-la; e, amnis-

tiando-o então das suas ditaduras passadas, acreditaremos confiadamente nos seus protestos d'emenda.

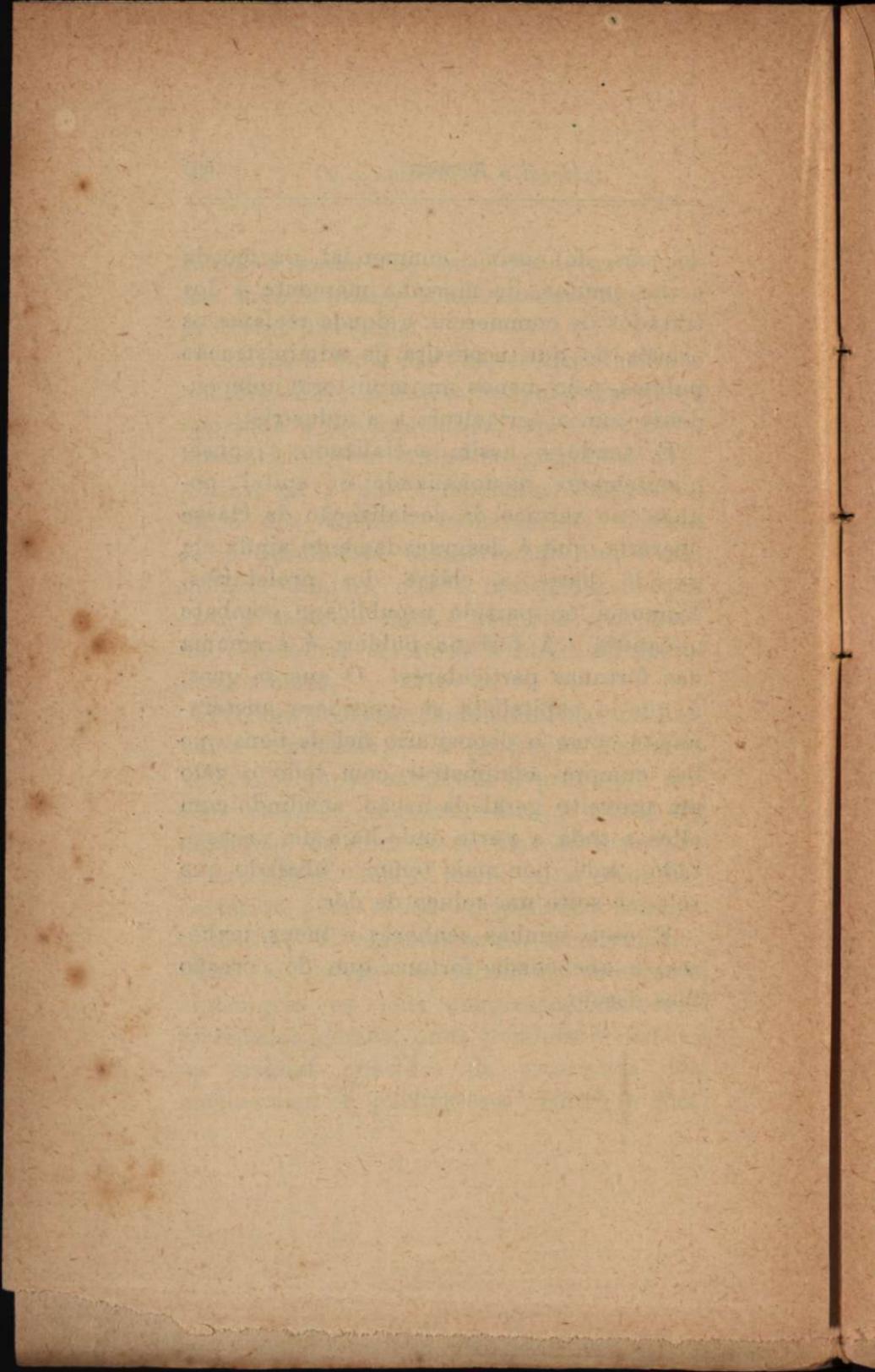
Contra a força das classes trabalhadoras que organizam a nação, ha, pois, uma força apostada a desorganizá-la, que é sempre o absolutismo, ou o das congregações religiosas, ou o das companhias financeiras, ou o dos corrilhos monarchicos. E esta força absolutista tem crescido tanto nos ultimos tempos, que é indispensavel que cresça tambem muito, por sua vez, para não sossobrar na luta, a força do socialismo liberal.

Prosiga a classe commercial na sua louvavel campanha, e á protecção dos seus veteranos junte em breve a protecção aos seus recrutas, regulando-lhes a idade de admissão, as horas e os dias de trabalho, e concedendo-lhes o tempo e os ocios necessarios para o seu enrijamento fisico e espiritual. E, reunidos assim estreitamente entre si patrões e caixeiros, celebre o commercio os seus congressos, as suas audiencias geraes, onde pondere e discuta as magnas questões da estatistica dos commerciantes portugêses dentro e fóra

do país, do ensino commercial, da moeda e das pautas, da marinha mercante e dos tratados de commercio, e donde reclame os órgãos de que necessita na administração publica, pelo menos um ministerio independente com a agricultura e a industria.

E, tendo-se assim socializado e consequentemente nacionalizado o capital, põe-o ao serviço da socialização da classe operaria, que é desgraçadamente ainda em grande parte a classe dos proletarios. Ninguém no partido republicano combate o capital. A fortuna publica é a somma das fortunas particulares. O que se quer, é que o capitalista se considere austeramente como o depositario fiel de bens que lhe cumpre administrar com todo o zêlo em proveito geral da nação, acudindo com elles a toda a parte onde haja um necessitado, onde, por mais tenue e abafado que seja, se solte um soluço de dôr.

E' essa, minhas senhoras e meus senhores, a abençoada fortuna que do coração lhes desejo.



Manoel d'Arriaga *

A vida de Manoel d'Arriaga é sobretudo um apostolado. Essa a santa missão a que elle se devotou na sociedade portugêsa.

A sua larga e fecunda acção moral ultrapassa os lindes do seu partido, porque tudo nelle, a physionomia, a palavra, as maneiras, tudo desperta simpatia. Vendo-o e ouvindo-o, não ha quem se não sinta atraído para elle e para a nobre causa que elle tão dignamente personifica, pelo irresistivel magnetismo religioso que se difunde de todo o seu ser. Inabalavel nas suas generosas aspirações, tem a intransigencia austera dum forte e dum delicado; mas, ainda quando com mais ardor denuncia e ataca os erros e os desvarios dos seus adversarios, o seu braço estende-se-lhes

* No *Mundo* de 5 de setembro de 1905.

fraternalmente. Não combate por insociabilidade, por odio ou irreverencia a ninguém. Ama a liberdade, porque ama os seus concidadãos, revindica a republica, porque revindica para a sua querida patria o direito e a honra de se associar livremente, intimamente; e, se o seu civismo não receia sacrificios, a sua tolerancia resiste ás mais acerbas provações. Symbolo da bondade e da fé, a sua radiosa figura sorri docemente a todas as almas como uma rosea esperança d'emancipação e de revisvicencia nacional.

Para o seu partido elle é mais do que um caudilho prestigioso. E' um chefe de véras querido e venerado. E elevou-se aos mais altos respeitos dos seus correligionarios, incontestavelmente, sem nunca acender ou provocar sequer entre elles a minima discussão. A sua influencia e preponderancia não se fizeram e cresceram á custa de nenhuma outra. E' uma grande força dirigente, porque é um centro cordialissimo de cohesão. Espirito independente, mas familiar, sem sombra d'autoritarismo, d'impertinencia ou d'animosidade pessoal, conciliador e paciente, lealissimo, dum tracto

primoroso, elle tem exemplificado edificantemente em todas as phases da sua carreira publica as mais acrisoladas virtudes democraticas. Ninguem melhor do que esse republicano modelar, educando liberalmente o seu partido, opondo sempre dentro delle á ditadura dos individuos e dos bandos o governo dos principios, da lei, o prepara para, num dia que tudo anuncia cada vez mais proximo, elle cumprir fielmente o seu destino, que é o imprescriptivel destino historico da nação. Por isso o estreitamos hoje festivamente ao nosso seio, saudando nelle com toda a efusão uma das mais puras encarnações do nosso glorioso ideal.

The first part of the book is devoted to a general
description of the various species of the
genus. The author then proceeds to a detailed
account of the life history of the
larvae, and finally to a description of the
adult forms. The book is well illustrated
with numerous figures, and is written in a
clear and concise style. It is a valuable
contribution to the knowledge of the
biology of the genus, and is highly
recommended to all those interested in
the subject.

O contracto dos tabacos *

MEUS SENHORES !

Diz-se frequentemente ao povo — e essas vozes, ainda mal! saem muitas vezes mesmo dentre o operariado — que o tempo das reivindicações politicas passou, que ás classes laboriosas do nosso tempo só interessam e importam as lutas e conquistas economicas. Quanto é falsa a asserção! E como o nosso país lhe vibra a cada instante o mais formal desmentido!

A politica e a economia são inter-dependentes; mas a politica deve dominar a economia como a inteligencia os nossos actos. Nação onde os financeiros sobrepõem os politicos, é nação irremediavelmente delapidada e consumida pela agiotagem.

* Discurso no comicio republicano de 10 de setembro de 1905, no Porto.

De certo que a nossa penuria e servilismo financeiro nos enfraquecem e escravizam politicamente; mas nós, se não temos boas finanças, é porque não temos boa politica, nós, se não temos a riqueza, a abundancia, a abastança sequer em cada lar, é porque não temos nenhuma liberdade politica, nem colectiva, nem individual. Hoje, entre nós não ha mesmo questão alguma economica de trabalho e de assistencia ao trabalhador, que se não prenda entranhavelmente e pungitivamente na questão politica por excelencia, na questão constitucional do nosso regimen. E, sem se resolver esta radicalmente, pela mudança de instituições, não se resolverá já agora bem nenhuma outra.

Exemplo flagrante desta dependencia substancial é a questão dos tabacos que actualmente excita os animos por toda a parte no país. Qual a sua mais nefasta solução? A mais ruinosa e a mais opressiva? O monopolio. Qual a solução que um e outro partido monarchico sucessivamente têm proposto para ella? O monopolio com todas as suas agravantes leoninas e deprimentes.

E porque é isto? Porque nas nações, como nos individuos, onde a razão não impera, desencadeiam-se e prevalecem contra ella os interesses ainda os mais illegitimos; e o governo politico em Portugal ha muito que deixou de ser o governo da razão publica, da opinião, para se transformar deploravelmente no governo do arbitrio pessoal, da autocracia e do nepotismo dos chefes, no governo do despotismo. Dahi a sua fraqueza, dahi a sua subserviencia ás oligarchias financeiras.

Veu demonstrá-lo mais uma vez a actual questão dos tabacos. Submissos ás oligarchias financeiras, nenhum dos nossos politicos que tiveram de tratá-la no governo, pensou sequer em arrancar-lhes das mãos o monopolio, que é mais que lesivo para os interesses nacionaes, porque é sobretudo uma arma tremenda de reacção.

E, nas lutas da avidez travadas entre ellas, os nossos governantes têm sido sempre arrastados rudemente pelo predominio da mais poderosa. E' assim que a antiga companhia dos tabacos impõe ao partido regenerador a renovação do contracto; e, quando outra companhia por

momentos a põe em cheque, concitando contra ella a opposição progressista, o governo regenerador não se eleva acima das lutas entre uma e outra, demite-se, isto é, retira-se para que a companhia mais poderosa converta a si o partido progressista, desde que elle esteja no poder. Assim foi. O governo progressista apresentava dentro em pouco a proposta de renovação do contracto com a antiga companhia dos tabacos, como haviam feito os regeneradores, com as mesmas agravantes que combatera, quasi com as mesmas clausulas, quasi com os mesmos termos de redacção. Tal a insolencia da omnipotente companhia!

E, assim como, perante a opposição progressista, ella forçara o governo regenerador a pedir a sua demissão e a corôa a conceder-lha, assim depois, levantando-se dissidencia contra o contracto no seio do proprio partido progressista, ella força o seu governo a pedir uma reconstituição ministerial e um adiamento parlamentar e a corôa a conceder-lhos para castigar o ministro rebelde e para acalmar os deputados irrequietos, dispensando-lhes mais alguns menses para a sua

definitiva conversão. Quem governa, pois, em Portugal?

Eis a consequencia da politica do engrandecimento do poder real, que não é de engrandecimento, mas de enfraquecimento de todo o poder politico desde o menor até ao mais alto. Eis para o que se concentraram todos os poderes no estado e todos os do estado no seu chefe. Foi para o submeter ao nuto das oligarchias financeiras.

E o que se passa entre nós, succede em toda a parte. Ao menor deslize mesmo do poder politico, mal elle deixe de ser no minimo acto o governo da razão social, da justiça, logo a agiotagem, que o está espreitando continuamente, investe contra elle e o explora. Porque é que a propria França, republicana, radical e socialista, a França de Waldeck Rousseau e de Combes, que tem levado de vencida no seu solo tantas tyrantias do capital, promulgando cordialissimas leis d'assistencia ás classes trabalhadoras, porque é que ella é ao mesmo tempo para comnosco a França de Reillac e de tantos aventureiros e jogadores da finança? E' porque ainda não ha

um direito publico internacional liberal e republicano ; e, nas suas relações externas, a França é ainda, infelizmente, a França militarista, aliada da Russia despotica, e, quando nella Jaurés, o grande campeão da socialização e da paz internacional, proclama que o governo da França deve ser republicano, tanto na sua politica interna como na sua politica externa, o republicano *Temps* declara-o atacado da loucura da renuncia.

A opressão financeira, o monopolio, é a consequencia letal, o fruto venenoso do despotismo politico. Nós, se quizemos abolir o peor de todos, o monopolio da terra, se quizemos libertá-la, tivemos de fazer a revolução de 20 e de pelear as campanhas liberaes de 28 a 34. O proprio monopolio dos tabacos nasceu com o absolutismo, cresceu e medrou com o seu crescimento e violencia, com o miguelismo, revigorou-se com o cabralismo, e, se foram necessarios os esforços reiterados das revoluções de 36, de 46 e de 51 para se entrar num largo periodo de ascenção liberal, de 52 a 85, no qual se aboliu esse monopolio, hoje, que elle resuscitou com a resurreição do

despotismo de 86 para cá, como é que havemos de tornar a aboli-lo? Só por uma profunda e radical reforma politica da nação.

Quem a ha de fazer?

Os regeneradores, impenitentes nos seus reaccionarios processos governativos? Os progressistas, que no poder tẽem apostado de todos os seus principios liberaes? Quem? Outros monarchicos entoam agora dithyrambos á liberdade. Quem são elles? O sr. João Franco, o sr. Alpoim, o sr. Dias Ferreira? Mas o sr. João Franco já em 1893 proclamou a descentralização, a liberdade de imprensa e o direito de reunião, e depois, no governo, foi um dos dois principaes fautores da politica do engrandecimento do poder real. Mas o sr. Alpoim foi em 1895 um dos corifeus da coligação liberal; e depois, no governo, abraçou a politica do engrandecimento do poder real, e, em nome d'elle, ditou a proscripção aos republicanos para fóra do parlamento. Mas o sr. Dias Ferreira, sempre liberal na sua longa opposição, foi em 1892 o precursor dessa politica ominosa do engrandecimento do poder real. O regimen empolgara-os.

Só ha um partido que póde já agora resolver as nossas incomportaveis dificuldades financeiras e opôr um véto soberano ao monstruoso contracto dos tabacos. E' o partido do povo, o unico que tem por si a opinião, o partido republicano, o partido que não repelle ninguem, partido dentro do qual pódem vir tomar logar todos os patriotas que os ultimos acontecimentos governativos, tão vergonhosos, devem ter desenganado por completo das virtudes da monarchia, hoje irremediavelmente incompativel com os sagrados destinos da nação.

Para escarmento dos novos, ahi está o sr. José Maria de Alpoim, cheio de talento, tendo-se batido em todos os terrenos pelo seu partido, o caudilho, depois do seu chefe, mais querido e o unico popular dentro delle: no dia em que ousou rebelar-se contra as demasias da oligarchia financeira predominante, foi pelo seu proprio chefe exautorado de todas as suas dignidades, como se fosse um desertor. Para escarmento dos veteranos, ahi está o sr. Pereira de Miranda, antigo lutador inquebrantavel, cercado dos respeitos de correligionarios e adversarios, tantas vezes indigitado e solicitado para

ministro e ultimamente considerado indispensavel á formação do actual gabinete progressista: pois, apesar de toda a sua provadissima dedicação pelo seu partido e pelo seu chefe, poucos menses pôde sobraçar a pasta politica do ministerio do reino que lhe fôra confiada... E, para aviso e escarmemento de todos, ahi está o proprio chefe, o sr. José Luciano de Castro, com uma longa carreira de serviços ao seu partido, tendo sacrificado á monarchia muitas das suas aspirações liberaes e até na derradeira quadra da vida a sua saude, ahi está, em meio das refregas financeiras, injuriado e lapidado, dentro mesmo da monarchia, mesmo pelos seus correligionarios, que não vêem, que não comprehendem que elle não é senão uma victima expiatoria do fatalismo das instituições. Que fim de vida! Como acabam ultimamente entre nós os maiores homens da monarchia!

O regimen gasta, despedaça e anula todos que o servem. E, quando os homens são individualidades excepçionaes, tamanhas como um Emygdio Navarro ou um Mariano de Carvalho, e não os pôde anular, abusa da força delles, compromette-os nos

propios desmandos, e fere-os e mortifica-os afrontosamente nas suas mais altas ambições.

Hoje em Portugal só um campo politico resta a quem quizer servir a sua patria, nobilitando o seu nome. E' o republicano.

“ O Mundo ” *

MEUS SENHORES !

Viva a republica portugûesa !

Meus senhores ! Levanto um brinde ao *Mundo*, aos nossos valorosos correligionarios que, dia a dia, com o maior denodo, sem jamais esmorecerem, defendem e sustentam na vanguarda do jornalismo a causa da republica. E brindo a todos, ao seu director, aos seus redactores e collaboradores, aos seus typographos, aos seus auxiliares ainda os mais modestos, porque todos são benemeritos da liberdade e da patria.

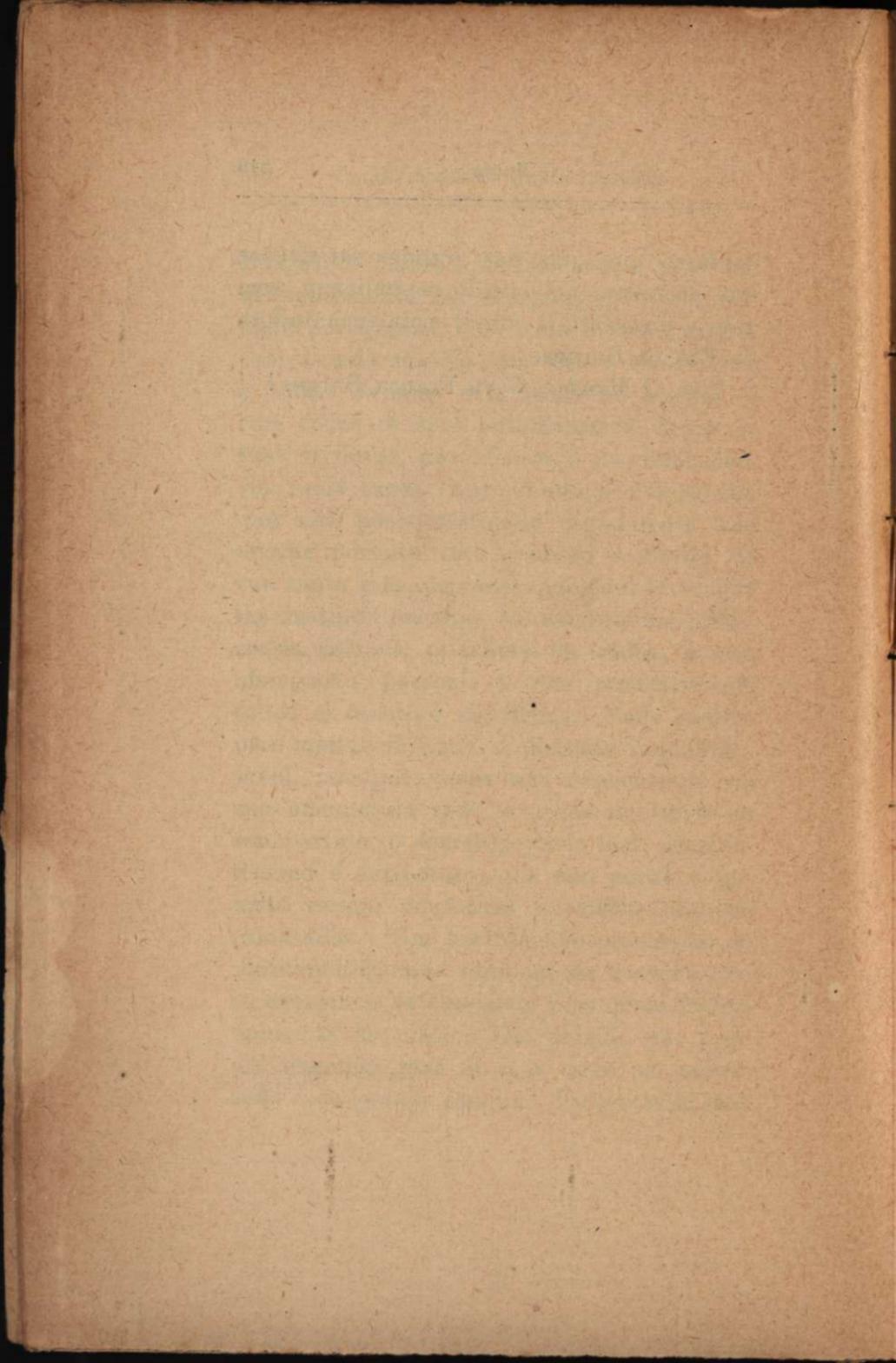
A todos cumprimento e rendo homenagem na pessoa do seu director, França

* No almoço em honra d'*O Mundo*, por ocasião do seu 5.º anniversario, em 16 de setembro de 1905.

Borges, o nosso querido amigo, que tão brilhantemente representa a heroica mocidade portugêsa, com todo o seu coração, com a toda sua fé, com todo o seu impeto e todas as suas exaltações no ataque, e com todos os seus enthusiasmos, todas as suas ternuras, nos affectos e na dedicação. Ha nelle tanta cordialidade e delicadeza, que não posso festejá-lo dignamente sem evocar perante esta reunião a figura da sua santa mãe, da veneranda educadora que lhe instillou na alma os mais nobres predicados sociaes, e, acima de todos, a sua abnegação pessoal, a sua modestia em todos os lances e sacrificios. Nelle admiro não menos do que o lutador inquebrantavel, que por vezes tem concentrado na sua arremetida todo o ardor militante do seu partido, o correigionario leal, prestantissimo e extremoso, que não perde o minimo ensejo de louvar e exaltar os seus camaradas. Um partido não precisa só de combatentes, mas tambem de homens que se prezem e se estendam e se dêem fraternalmente as mãos. Um partido não é só um exercito, mas é, mas deve ser sobretudo uma grande familia. Eu por mim lhes

confesso que uma das grandes satisfações que encontrei no partido republicano, tem sido o fino trato, a convivencia encantadora de França Borges.

Viva *O Mundo!* Viva França Borges!



A Associação dos Artistas de Coimbra *

MINHAS SENHORAS E MEUS SENHORES!

A Associação dos Artistas de Coimbra festeja no seu anniversario d'hoje quarenta e tres annos de vida, isto é, de camaradagem, de socorros mutuos, de discussão e d'orientação commum. E' assim, amando-se, assistindo-se e disciplinando-se, que o nosso bom povo vai por todo o país promovendo a irresistivel mudança das instituições. A sua crescente força organica assegura cada vez mais entre nós a victoria da soberania da nação.

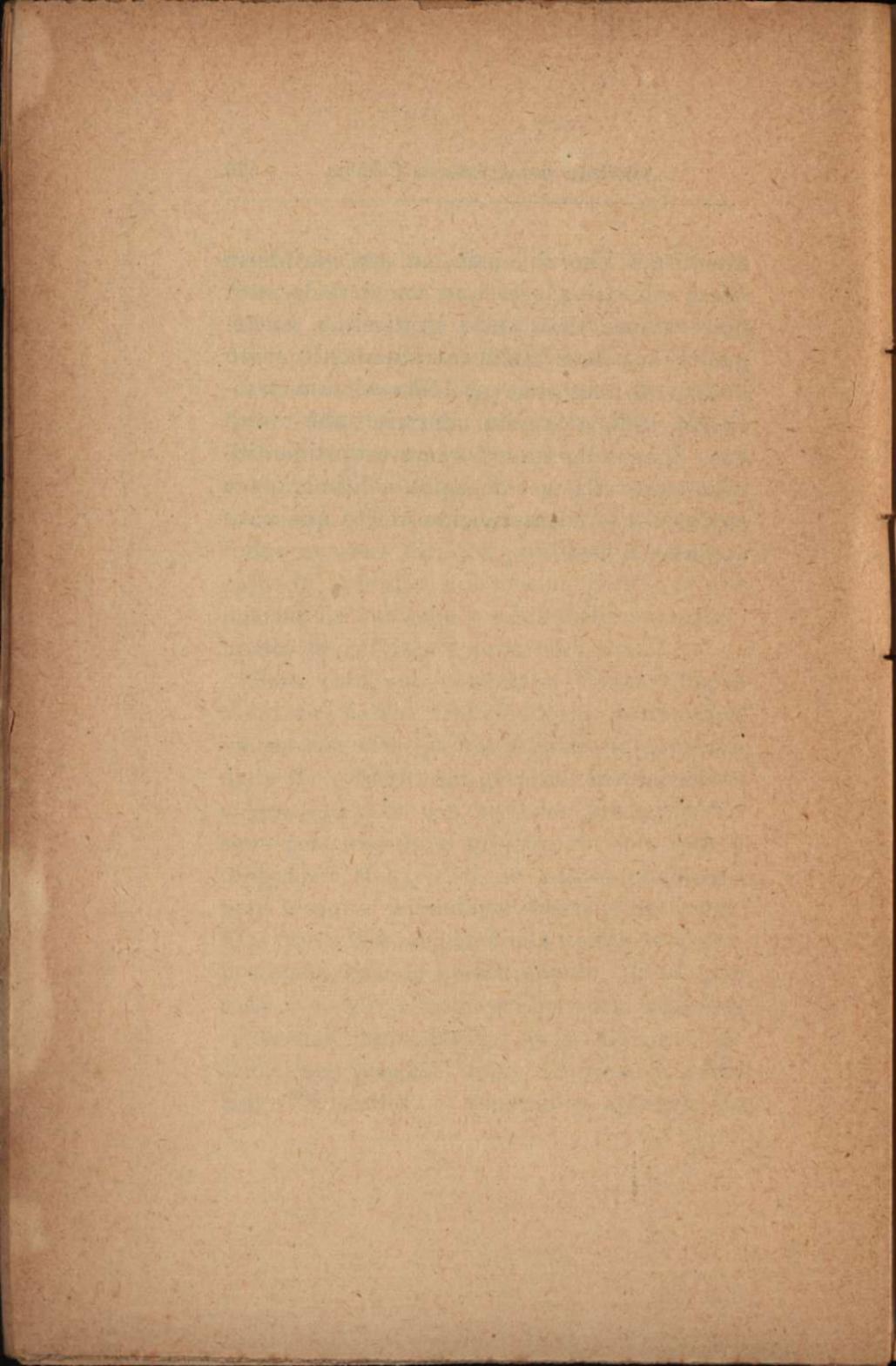
A democracia impõe-se. Para prova, ahi está a criação do tribunal d'arbitros-avin-

* Allocução na presidencia da sessão solemne de 8 de dezembro de 1905.

dores, que, reclamado pelos operarios desta cidade, a camara municipal, — sob a presidencia do insigne economista, o lente da nossa Universidade, dr. Marnoco e Sousa, — apoiando-se nelles, conseguiu ha pouco fazer decretar. A esta conquista outras devem seguir-se incessantemente. E' um codigo civil inteiro de que o operariado necessita. E precisa revindicar tambem todos os seus direitos politicos, a começar pelo do sufragio, até mesmo para com elle possuir na sua mão o mais poderoso instrumento de reforma e progresso social.

Para esta sua campanha d'emancipação têm as classes trabalhadoras de marchar em massa, sem quebra alguma de continuidade de geração em geração, inspirando-se sucessivamente nas virtudes preclaras dos seus precusores, e preparando com toda a diligencia o espirito de novas phalanges para o culto da independencia e da honra. E' o que a Associação dos Artistas de Coimbra comprehende perfeitamente. E eu com todo o fervor a acompanho tanto nas suas reiteradas homenagens pela memoria do seu e meu querido amigo, Olympio Nicolau Ruy Fernandes, o venerando apostolo do

socialismo liberal, comò na sua carinhosa
faina educativa, em que me é dado esta
noite tomar uma parte gratissima, entre-
gando aos seus melhores alumnos o justo
premio do seu esforço. Não só esta asso-
ciação, toda a familia operaria sabe muito
bem quanto lhe quero, como estou identifi-
cado com ella nos mesmos sentimentos e
aspirações, e o enternecido affecto que voto
aos seus filhos.



Orientação republicana

Declarações *

MEUS SENHORES !

Em nome do partido republicano cumpre-me declarar :

Que os republicanos votaram a moção proposta ao comicio, porque a abolição das leis d'exceptão e de monopolio, a autonomia local, a liberdade eleitoral e a fiscalização parlamentar são ha muito reivindicações do partido republicano, que as faz sob este governo como as tem feito e fará sob todos os ministerios de engrandecimento do poder real.

* No comicio promovido em Coimbra pelos dissidentes do partido progressista, em 8 de dezembro de 1905.

Que, depois do malôgro final dos esforços quasi seculares dos grandes partidos constitucionaes para se estabelecer em Portugal o regimen monarchico-representativo, toda nova tentativa de reconciliação entre o povo e o trono não é hoje para as forças de ninguem, não só porque a monarchia, impenitentemente reaccionaria, a não quer, mas ainda porque a não quer tão pouco o espirito progressivo do nosso povo, cada dia mais consciante e cioso dos seus direitos e desenganado de que nenhum estará garantido pela lei, emquanto acima della houver autoridade constituida que possa afrontosamente e impunemente infringi-la pelo seu arbitrio ditatorial, emquanto, pois, não se implantar entre nós o genuino governo da nação pela nação, o governo republicano.

Que, portanto, aos dissidentes dos actuaes partidos monarchicos, progressistas ou regeneradores, para bem servirem com segurança d'exitto a liberdade, só resta um recurso, e é tornarem-se tambem dissidentes da monarchia, vindo alistar-se lealmente sob a bandeira republicana; e, quanto a nós, republicanos, não pense ninguem que

fazemos ainda hoje alguma campanha, esperançados em ver a liberdade, por minima que seja, definitivamente triumphante dentro da monarchia, as nossas reivindicações são sobretudo libellos d'acusação contra ella, que todas as liberdades individuaes e colectivas nos tem ultrajantemente conculcado, para que a nação, que a julgou e condemna, a exautore para sempre do poder.

Discurso *

MEUS SENHORES !

Desde 1894, e sobretudo nos annos omi-
nosos de 1895 e 1896, o governo do engran-
decimento do poder real suprimiu todas as
liberdades, liberdades parlamentares e elei-

* No comicio republicano de Lisboa, em 10 de dezem-
bro de 1905.

toraes, liberdades corporativas, liberdades publicas e individuaes, e, para ser absoluta a omnipotencia do mando real, estendeu a sua irresponsabilidade até aos seus minimos agentes. Tudo se centralizou no estado e todo o estado no seu chefe. E para que? Sobre as ruinas da liberdade ergueu-se assim por ventura um governo de força? Não! O chefe do estado viaja, o regente do reino é ainda uma creança, o presidente do conselho de ministros é (com pezar o digo) um enfermo, e a maior parte das autoridades constituidas não passam duns anónimos. Não ha governo! Infestam impunemente o país as quadrilhas sindicteiras e congreganistas; e, se lá fóra respeitam o nosso povo, pela sua cordura, pela sua laboriosidade e pela sua intelligencia, e, mais do que tudo, pela sua honradez e espirito de bondade e sacrificio, se por isso os governos estrangeiros cumprimentam o representante official da nação como quem saúda a gloriosa bandeira portugêsa, é de lá que os chefes dessas quadrilhas planeiam e dirigem afrontosamente os seus assaltos ao nosso coração e aos nossos bens.

É, pois, necessario hoje opôr o governo do engrandecimento do poder popular ao governo do engrandecimento do poder real, não só para revindicar entre nós a liberdade, mas até tambem para assegurar a autoridade, a ordem, o respeito á lei.

E' o que tẽem ultimamente comprehendido bem todas as classes, tanto proletarias como conservadoras, todos que tẽem a conquistar ou manter algum direito. A nação republicaniza-se cada vez mais. Prova eloquente disso foram os dias de outubro que Casimiro Freire, á beira do mausoleu de Alves Correia, tão justamente chamou historicos, em que não só Lisboa inteira, mas muitos milhares de pessoas de todo o país, vibrantes de entusiasmo, aclamaram Loubet, anciosas do fundo de alma por um governo e por um chefe de estado como o governo republicano e como o presidente eleito da França.

Se já em 1894, nos inicios do governo do engrandecimento do poder real, o teorico do cesarismo, Oliveira Martins, lamentava a profunda separação entre as instituições e o nosso povo, de 1894 para cá essa separação tornou-se irreductivel. A' medida

que a monarchia se foi fazendo reaccionaria, o espirito do nosso povo foi-se acentuando progressivamente liberal. Hoje não pôde haver transacção alguma entre a monarchia e a liberdade. A monarchia liberal morreu. Resuscitá-la, depois do malôgro secular dos nossos grandes patriotas constitucionaes, é uma tentativa que excede as forças, seja de quem fôr. E' uma especie de sonho sebastianista. Os dissidentes, regeneradores ou progressistas, que se queixam da autocracia dos seus antigos chefes de partido, deviam reconhecer que essa autocracia não é senão a consequencia doutra legalmente proclamada pela constituição.

Quer isto dizer que lhes vamos fanaticamente impôr, como um dogma, o nosso credo republicano, com o risco de fazê-los recuar para o absolutismo monarchico? Não! O partido republicano é um partido tolerante, de atracção e de assimilação. Não excomungamos, não repelimos ninguém. Fiamos-nos na virtude educativa da liberdade, e em que, vindo á praça publica, na convivencia com o povo os dissidentes dos partidos monarchicos da rotação em

breve se converterão em dissidentes da propria monarchia.

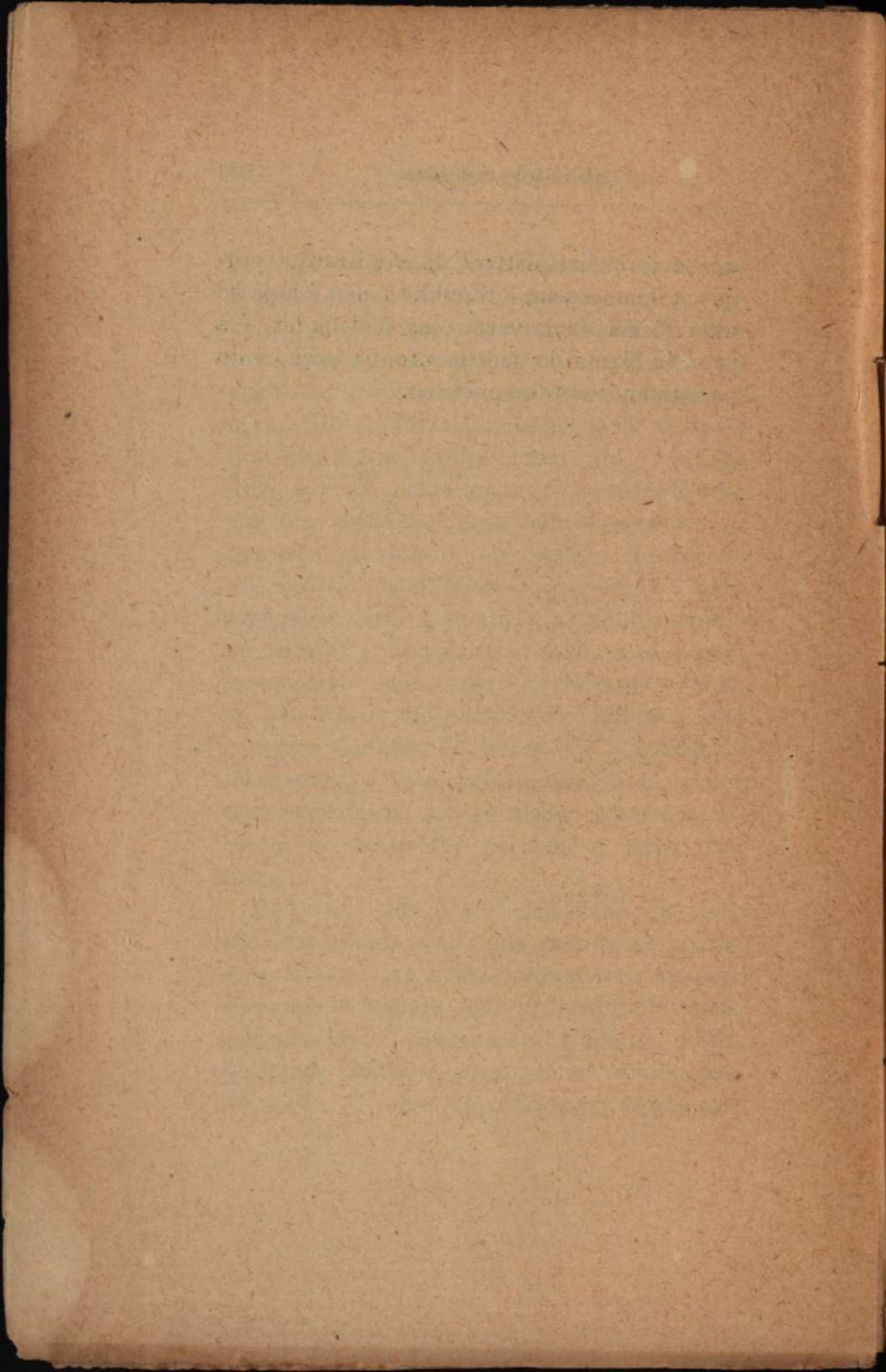
Entretanto declaramos-lhes leal e francamente: Não se trata só da restauração das liberdades perdidas. Queremos a abolição dos votos religiosos, como a fez Joaquim Antonio de Aguiar; queremos a abolição dos monopolios e de tantos impostos, especialmente os impostos de consumo, que tendem a restabelecer um regimen financeiro como o dos dizimos e foraes abolidos por Mousinho da Silveira; queremos, como Passos Manoel, cercar de instituições republicanas o supremo poder politico. Mas não estamos em 1836. Queremos mais. Queremos a plena liberdade de cultos, queremos a emancipação economica do trabalhador, e queremos todas as liberdades politicas, todas, sem excepção, até a da eleição do nosso chefe do estado. Portanto, se os dissidentes monarchicos não vierem para nós, no dia em que pararem, nós avançaremos contra elles, como setus adversarios intransigentes. A nossa campanha contra a monarchia é sem treguas.

Mas é uma campanha pacifica, ordeira. Não pretendemos contrapôr á ditadura do

poder a da revolução. Não sômos nós que a intentamos; quem incessantemente a provoca, são os partidos monarchicos. Nós nem ameaçamos pegar em armas para sustentar a liberdade, nem pensamos aliciar o exercito em favor da nossa causa. A nossa doutrina é que, assim como todo o cidadão deve ser um soldado, todo o soldado deve ser um cidadão; mas não queremos um exercito partidario, do partido do rei ou do partido republicano; queremos-lo para assegurar, com a honra e a independencia da patria, a liberdade e a lei, seja contra governados, seja contra governantes. Mas, se não somos um partido de violentos, não o somos tambem de fracos, de cobardes, e levaremos a luta pelo nosso ideal, pelos nossos direitos, até ao ultimo transe, repellido, se tanto fôr preciso, a força pela força.

Oh! não! não é na força bruta, na sedição, na guerra civil, que pomos as nossas esperanças. As nossas armas são de paz. Esperamos vencer pela fraternidade, pela assistencia, pela persuasão. Cada dia se vai formando mais a consciencia republicana da nação. E, nós, republicanos, temos por

nós a força irresistível da civilização, porque a democracia, a republica, não é hoje só uma fôrma de governo das sociedades, é a propria fôrma do sentimento, da acção e do pensamento contemporaneo.



INDICE

	Pag.
Os soldados da liberdade	5
A crise do Douro	9
A reforma constitucional de 1885	15
O ultimatum de 1890	79
A lei de salvação publica	85
O ministerio de 1893	91
A armada nacional	107
Guerra ao banditismo politico!	113
O fomento viticola	123
José Elias Garcia	145
O governo do engrandecimento do poder real	149
A maçonaria portugûesa	165
Concurso pecuario	175
Duarte Fava	179
Rodrigues de Freitas	181
O estudo do país	185
Mousinho d'Albuquerque	195
Contra o convenio	199
Joaquim Martins de Carvalho	203
Centenario de Garrett	207
Pela liberdade	215
A Associação liberal de Coimbra	259
A liberdade e a egreja	281

	Pag.
O despotismo economico	289
Formas de governo	307
Governo e ensino	323
Os actuaes partidos politicos	337
Contra as propostas de fazenda.	353
A insurreição de Coimbra	361
Protecção ás mulheres e aos menores	363
Eleições	373
Aos eleitores	385
O descanso semanal	401
O anarchismo	415
A aliança inglêsa.	417
Perante o tribunal de verificação de poderes	433
A psychologia da reacção.	443
Coimbra republicana.	459
Só a liberdade é a paz	463
« A Reforma »	491
Manoel d'Arriaga	503
O contracto dos tabacos	507
« O Mundo »	517
A Associação dos Artistas de Coimbra	521
Orientação republicana	525

Biblioteca
Dr. Victor Matos